

# PENTAGRAMA

LECTORIUM ROSICRUCIANUM

*Agosto 1997 - ano dezenove n° 4*

A FORMAÇÃO  
DA CONSCIÊNCIA  
GNÓSTICA E O  
RESTABELECIMENTO  
DO HOMEM  
ORIGINAL

OUTONO  
DA CIVILIZAÇÃO  
EUROPÉIA: IMPULSO  
PARA A NOVA VIDA

SENSAÇÃO DE  
ALEGRIA E DE  
DESEJO INTENSOS

O GOLEM

O DESEJO DE VIVER  
A VIDA PERFEITA

A BUSCA NA "TERRA  
DE NINGUÉM"

O NASCIMENTO DA  
NOVA ALMA E O SIGNO  
DE CAPRICÓRNIO

O QUE OS  
ROSA-CRUZES  
ENTENDEM POR...

AS EXPERIÊNCIAS  
GNÓSTICAS NÃO  
SÃO EXPLICADAS  
HISTORICAMENTE

A LUTA INTERIOR  
PARA SOBREVIVER

DESAPARECIMENTO  
DA TENSÃO ENTRE  
AÇÃO E REAÇÃO

# PENTAGRAMA

*A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.*

*O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.*

*Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.*

*A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.*

## ÍNDICE:

- 2 A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA GNÓSTICA E O RESTABELECIMENTO DO HOMEM ORIGINAL
- 6 O OUTONO DA CIVILIZAÇÃO EUROPÉIA: IMPULSO PARA A NOVA VIDA
- 14 SENSÇÃO DE ALEGRIA E DE DESEJO INTENSOS
- 15 O GOLEM
- 20 O DESEJO DE VIVER A VIDA PERFEITA
- 25 A BUSCA NA "TERRA DE NINGUÉM"
- 28 O NASCIMENTO DA NOVA ALMA E O SIGNO DE CAPRICÓRNIO
- 31 O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...
- 33 AS EXPERIÊNCIAS GNÓSTICAS NÃO SÃO EXPLICADAS HISTORICAMENTE
- 36 A LUTA INTERIOR PARA SOBREVIVER
- 40 DESAPARECIMENTO DA TENSÃO ENTRE AÇÃO E REAÇÃO

1997

ANO DEZENOVE  
NÚMERO 4

# A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA GNÓSTICA E O RESTABELECIMENTO DO HOMEM ORIGINAL

*A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea faz a distinção entre o homem terrestre e o homem celeste. O homem terrestre é mortal, o celeste é imortal. Os dois existem em um sistema que chamamos de microcosmo.*

**E**xiste um plano para o restabelecimento do Homem Original: graças a um comportamento totalmente novo, o homem mortal deve desencadear um processo de cura interior, que permite o retorno do microcosmo ao reino de vida de onde ele provém. Este processo alquímico (a Escola Espiritual fala de transfiguração) é uma das colunas do ensinamento gnóstico libertador. No decorrer de uma série de processos de desenvolvimento, o homem mortal vai elevando-se passo a passo, e então surge um tipo de homem dotado de qualidades e poderes que ultrapassam de longe a personalidade humana. É preciso não confundir estas novas qualidades com aquelas que são cultivadas por treinamento ocultista, por exemplo. Elas somente serão liberadas se o eu entregar-se voluntariamente. O buscador sério que persegue a única e eterna Verdade é tocado por três correntes de força divina. Em seguida, vem o desenvolvimento do autoconhecimento, o reconhecimento de Deus e, enfim, o processo de transfiguração: a perfeita recriação do arquétipo do homem.

O primeiro toque influencia, principalmente, a cabeça e o coração. O resultado é uma reação do tipo humanitária, religiosa, artística ou racional. Ora, aquele que, depois de inúmeras expe-

riências, descobre que o humanitarismo, a religiosidade, o intelecto, a arte e outras manifestações não oferecem nenhuma perspectiva durável de libertação, chega ao autoconhecimento. Ele sente que é preciso rebelar-se internamente contra todas as atividades profanas e impuras e dar uma nova ordem a elas. Se começarmos a agir assim, seriamente, sem relaxar, iremos observar que, pouco a pouco, vamos recebendo um novo poder, não-terrestre, que permite mover montanhas: é a verdadeira fé, resultado da corrente de graça que liberamos quando, por meio de um comportamento correto, fazemos uso da força de cura que nos toca.

O segundo toque provoca uma série de mudanças notáveis na personalidade. Ela aprende a renunciar a seus desejos naturais e a dirigir suas aspirações mais profundas para a libertação de sua alma aprisionada. O segundo toque gnóstico atinge a cabeça com o intuito de restabelecer este santuário e de prepará-lo para a próxima fase. Somente depois disso é possível começar o terceiro processo, o da transfiguração.

O homem original possuía sete qualidades que correspondem ao mundo original sétuplo. O primeiro poder do homem regenerado é o do amor divino. O segundo poder é a sabedoria divina, que a razão comum — por mais desenvolvida que ela seja — é incapaz de substituir e traduzir. O terceiro poder é o da vontade renovada, que vê com o amor e com a sabedoria divina, para cumprir exclusivamente a vontade divina. O quarto poder é o de um novo pensamento, capaz de traduzir os impulsos do Espírito em imagens compreensí-

O homem imperfeito, carregado de erros — o velho rei — afoga-se no oceano da existência dialética, de onde surge a Nova Vida em sua pureza — o jovem rei, adornado com as sete estrelas da Sabedoria divina (Splendor Solis, 1582).

A Pedra dos Sábios, a Pedra Filosofal (Atalanta Fugiens, Michael Maier, 1618).

veis. Esta estrutura mental deve, evidentemente, adaptar-se à vida. É por isso que há o quinto poder, que é o da concentração de energia dinâmica. O sexto poder trata da manifestação que será a expressão da imagem: a Palavra criada confere a força vital à forma.

O sétimo poder recolhe e reúne a própria essência dos seis anteriores. Assim, tudo o que estes seis poderes manifestam é colocado a serviço do plano de criação universal e utilizado de maneira correta.

#### **A INVERSÃO DE SENTIDO DOS CHAKRAS**

As práticas de yoga e os métodos ocultos permitem ativar e cultivar estes sete poderes até um certo ponto. Os chacras começam a girar mais rapidamente, de tal modo que a irradiação das forças naturais é intensificada. No início, parece que os resultados são satisfató-

rios, mas, na realidade, reforça-se a ligação com o reino dos mortos, e este fenômeno provoca a cristalização e o endurecimento de todo o sistema, o que torna o rompimento com a natureza cada vez mais difícil. Qualquer pessoa que reconheça este fato não fará nenhum mal em evitar este caminho, pois percebe que é o inverso que o libertará: a completa exclusão da consciência terrestre.

Portanto, não se trata nem de cultura, nem de “desdobramento” da personalidade, mas da substituição total da antiga personalidade pela nova alma renascida. Pela transfiguração (que é o restabelecimento do homem original) manifestam-se novos poderes, e quem avançar no caminho da vida gnóstica não somente encontrará as forças curadoras do Espírito Santo, mas também será santificado por elas. Depois de um certo tempo, os chacras irão girar mais lentamente, até pararem: é o momento em que as forças dialéticas já não têm nenhuma influência e devem retirar-se diante da força de renovação do Espírito divino. No decorrer desta conversão completa e fundamental, os chacras começam a girar em outro sentido e fornecem a força vital original, a fim de dar seqüência ao processo de renovação.

As sete qualidades do Novo Homem também podem ser expressadas pelas sete cavidades cerebrais. Chega um determinado momento em que as sete cavidades cerebrais de quem segue o caminho da libertação interior tornam-se receptivas ao prana divino. Estas sete cavidades cerebrais formam a rosa sétupla do santuário da cabeça. Suas pétalas representam:

*a canção do Amor,  
a canção da Sabedoria,  
a canção da Vontade Superior,*

*a canção da Força da Razão,  
a canção da Concentração da Energia Dinâmica,  
a canção da Nova Forma Manifestada,  
a canção da Força de Coesão que  
liga todas as seis canções anteriores  
em uma perfeita unidade de sete  
poderes.*

No livro “A Voz do Silêncio” Madame Blavatsky diz que um homem somente poderá colocar seus pés no mais alto degrau da escala dos sons místicos se tiver conhecimento da voz de seu deus interior de sete maneiras. O sétimo som compreende os seis anteriores que formam um só som, pois os seis poderes se reúnem no sétimo. Estes sete poderes dão acesso ao microcosmo sétuplo e abrem as sete portas eternas. Assim se fecha o círculo dos sete novos poderes.

#### **O HOMEM DA NATUREZA: O SERVIDOR DA ALMA**

Um dia, estes novos poderes a serviço do microcosmo poderão substituir os antigos poderes do homem natural. A razão, liberta das influências do ser aural, pode servir a nova consciência. Lavada e purificada, ela está preparada para assimilar as irradiações do novo poder mental e para utilizá-las de maneira correta. O corpo astral também tornou-se acessível às influências gnósticas, e tornou-se possível uma nova respiração. Deste modo, todos os átomos do sistema humano são carregados por novas forças-luzes que permitem uma nova percepção. Então, o corpo etérico deve reagir, a fim de ser irradiado pela chama da mônada. Conseqüentemente, os áto-

mos do corpo físico se transformam. O homem passa a possuir uma nova mentalidade, uma nova sensibilidade, uma nova personalidade e uma nova consciência.

Seus novos poderes fazem do candidato um “mestre da pedra”. Ele os utiliza para vencer definitivamente o que é perecível e para auxiliar a todos os que buscam. Neste sentido é dito no Novo Testamento que ele se torna um pescador de almas humanas. Quando lançar sua rede de seu lado direito, ela não se rasgará, mesmo estando carregada, pois agora ele aproveita apenas o que está de acordo com seus novos poderes, e joga fora o que vai contra o plano divino. Assim, ele vai seguindo o curso de sua vida: muitos daqueles que o encontrarem irão sentir seu estado interior e, se quiserem, poderão partilhá-lo com ele.

# O OUTONO DA CIVILIZAÇÃO EUROPÉIA: IMPULSO PARA A NOVA VIDA

*Nesta época “pós-moderna”, a humanidade já não se apega às idéias e aos princípios estabelecidos e respeitados há muito tempo. É o outono da civilização européia: anuncia-se um inverno angustiante. O declínio já começou a manifestar-se no século XX e vem acelerando-se cada vez mais, mas cada civilização possui um tesouro universal de conhecimentos e de valores invioláveis, que transcendem todas as normas culturais.*

Como estas jóias da sabedoria universal e da inteligência libertadora podem e devem servir a uma alta finalidade espiritual, elas formam a fonte onde podemos descobrir o significado da vida e onde podemos ir buscar a força para atingir este objetivo. Nas obras do grande filósofo holandês de origem portuguesa, Baruch ou Benedictus de Spinoza (1632-1677), possuímos um destes tesouros, onde é possível encontrar as respostas às questões de nossa época.

Que objetivo poderá fixar para si mesmo o homem que está empenhado espiritualmente, quando seus bens culturais e seus valores parecem muito relativos e em muitos casos já se transformaram em seus contrários? Que idéia dinâmica despertará ainda alguma confiança, quando a observação lúcida de tudo o que é qualificado de cultura leva à conclusão de que o que impede a descoberta da Verdade é a presunção dos homens? Que iniciativa poderá ainda seduzir, quando parece que nada escapa à degradação e à ruína?

Será que existe mesmo um desejo de

recusar estas maneiras de viver ligadas a modelos divergentes? Será que o ser voltado para a espiritualidade consegue nutrir um desejo como este? Será que ele consegue escapar deste declínio? Depois do desmascaramento de todas estas imagens de Deus cultivadas há tanto tempo, será que ainda é possível aspirar pelo “verdadeiro” Deus? Não seria mais uma ilusão? Por quanto tempo os seres humanos se deixarão guiar ainda, nestes tempos agitados, por sua pretensa lucidez, ao invés de confiar espontaneamente as rédeas de sua vida à Força que anima a imortalidade?

Quando acabar a sedução da vida egocêntrica, será que nos poderemos voltar para a única lei de Amor, em total abnegação? Se procuramos em nós mesmos a causa de nossa vida “pelo avesso”, “na contramão”, por que encontramos tantos obstáculos, tantos paradoxos? A Verdade não é simples? Por que não é suficiente — ou é demais — ser uma pessoa boa, bem intencionada? Por que as tentações são tantas que a qualificação “satânico” aplicada ao universo lembra algo que todos parecem reconhecer como real, mesmo no além deste “vale de lágrimas”?

## **A CHAVE DA RESPOSTA PARA AS VERDADEIRAS PERGUNTAS**

A visão dos rosa-cruzes gnósticos do século XVII, simples e universal, já deu a resposta para as inúmeras perguntas que para nós são tão angustiantes. Esta resposta, rejeitada por muitos, foi aprofundada por alguns. Na *Fama Fraternitatis*, de 1614, os rosa-cruzes apresentaram uma série de axiomas inabaláveis, que

parecem condizer com nosso século de cegueira espiritual'. Entretanto, o homem que tem uma visão limitada do século XX, geralmente considera com desdém os conceitos do século XVII. Para muitos, eles não passam de um simples eco das idéias do Renascimento (que começou na Itália, no século XV e prolongou-se até o século XVII, na Holanda), ou um prelúdio ao "Século das Luzes" (o século XVIII). Portanto, é difícil de avaliar o verdadeiro valor do tesouro de sabedoria e de conhecimento proposto à Europa pelos rosa-cruzes do século XVII, pois o homem "racional" tem o hábito de expor à luz artificial do pensamento científico tecnocrático

todas as idéias que vai encontrando e costuma não aceitar senão as provas experimentais.

Assim, de uma obra puramente axiomática como a *Ética*, de Spinoza — apesar das boas intenções da crítica que lhe fez o filósofo alemão Hegel (1770-1831) — restou apenas uma frágil apreciação de algumas hipóteses completamente ultrapassadas. Que injustiça! Na verdade, quem pode vangloriar-se de ter podido aprofundar-se em conceitos espirituais de um pensador tão eminente como Spinoza? Ele e o francês René Descartes estabeleceram sua filosofia em uma época em que ainda se vivia uma vida profundamente

A Academia das Ciências e das Belas Artes (Gravura em cobre de Sébastien Leclerc, 1698, Bibliothek der Eidgenössischen Technischen Hochschule, Zürich).

religiosa. Os rosa-cruzes gnósticos também se baseavam no fato de que o homem imortal é “nascido de Deus”, e este é o ponto de partida válido para quase toda a cultura ocidental desta época.

Para o homem atual, é incompreensível que nos possamos sentir ligados a um “Criador”. É seu intelecto tão desenvolvido e individualizado que faz com que as idéias de Spinoza lhe pareçam tão difíceis. É preciso considerar os fatos, provar suas proposições e registrar seus resultados. O especialista holandês em Spinoza, H. G. Hubbeling, declara que a mística racional de Spinoza não está baseada na experimentação, mas em um certo modo de pensar. Trata-se de “lógica”<sup>2</sup>.

Atualmente, a lógica está quase sempre identificada com um modo de pensar frio, calculista e voltada para ela mesma, como um aspecto da individualidade do eu. Mas, como esta lógica não passa de um instrumento do eu que quer conservar-se e segue seu destino terrestre, ela não pode abrir novos caminhos e se petrifica, se cristaliza como uma carapaça impenetrável.

#### QUAL É O FUTURO DO EU?

O desenvolvimento do eu deve ceder diante da manifestação da mônada, o que exige uma pura animação do microcosmo. Esta animação começa pelo pólo receptivo do coração: o deus interior. Quando este processo começa, a lógica estimula corretamente a renovação, e daí jorra uma fonte inesgotável de sabedoria divina, de onde aflui um princípio tão vivificante — a Gnosis — e falamos dela como se fosse uma força. Ora, não somente os rosa-cruzes do século XVII, mas também Leibnitz, Spinoza e Descartes conheciam esta fonte da verdadeira renovação da vida. Todos explicaram este processo de renovação de modo particular, fundamentando suas considerações em con-

ceitos que podemos explicar em nossos dias pelos termos “transmutação” e “transfiguração”. Leibnitz escreveu a *Monadologia*, em 1714. Aí, ele estabeleceu que o universo é constituído por um número infinito de mundos mais ou menos complexos, que ele chama de “mônadas”, que carregam dentro de si uma imagem do universo. Todas sintonizam umas com as outras, em uma “harmonia preestabelecida” com Deus, como Mônada suprema, que envolve tudo.

Também foi Leibnitz quem mostrou que o mundo em que a humanidade habita não pode ser melhorado, porque os limites do espaço e do tempo são um obstáculo. Este conceito chegou na hora certa para prevenir todos estes reformadores humanistas e religiosos que, a partir do século XVIII, começaram a consertar de qualquer jeito isto ou aquilo para tornar a vida mais fácil de ser vivida.

#### A INTUIÇÃO QUE VEM DIRETAMENTE DA ALMA ETERNA.

Spinoza mostrou não somente o caminho do verdadeiro conhecimento, o caminho da lógica mística, mas também as diferentes gradações que culminam no “intuitio dei” (a intuição de Deus), o conhecimento superior que vem diretamente da alma, desde que ela seja uma alma eterna!<sup>3</sup> Portanto, desde que o pólo receptivo da mônada possa garantir o trabalho preparatório. E é aí que Spinoza quer chegar: na renovação da alma, para que ela seja “preenchida” pelo eterno Bem absoluto! Entretanto, para fazer isto, é preciso que o terrestre volte a um mínimo biológico.

*“Depois que a vivência me ensinou que tudo o que a vida comum encerra em si possui algo de bom ou ruim, no que tange a mente, decidi, finalmente, perscrutar a possibilidade da existência de um bem verdadeiro que pudesse ser compartilhado e do qual apenas a mente tivesse contato...”<sup>4</sup> Assim se abre*

*Segundo os rosa-cruzes atuais, a mônada é o núcleo espiritual indivisível do microcosmo. A mônada tem dois pólos: um está no coração e é o átomo original; o outro, no ser aural, está diretamente ligado à pineal, que é a porta de acesso do Espírito Sétuplo. No processo de transfiguração, estes dois pólos devem-se unir em uma trindade: Espírito, Alma e Corpo.*

o prefácio da *Ética*, um tratado sobre a reforma do entendimento, que foi editada depois da morte de Spinoza. Neste prefácio, o autor dá três regras. Ele aconselha que a alma cheia de aspiração seja moderada em todas as coisas, mas que jamais se desvie de sua alma-irmã, sua alma celeste. Estas regras de vida fazem pensar bastante nos *Versos Áureos* de Pitágoras.

Spinoza, que lacrava suas cartas com um sinete de cera que levava o emblema da rosa, dizia que as riquezas, a glória, a honra e a volúpia são meios detestáveis para se manter. Para ele, eram “inimigos profanos do verdadeiro espírito humano”. A glória e a honra são nossos adversários mais perigosos.

Descartes (1596-1650) desempenhou um papel importante no pensamento do século XVII e estabeleceu os fundamentos da filosofia moderna. Ele tomou como ponto de partida a célebre proposição: “Cogito ergo sum”: penso, logo, existo. Ele demonstrou que a luz do verdadeiro conhecimento está sediada na pineal e que a atividade desta luz é “clara e distinta”. O filósofo holandês Pieter Balling anota, a respeito disto:

*“A Luz (digamos) é um conhecimento claro e distinto da verdade na inteligência do próprio homem. Por meio deste conhecimento, ele ele está a tal ponto convencido do ser e da qualidade das coisas que é impossível duvidar disto”.<sup>5</sup>*

Muitos renovadores freqüentaram, informaram-se e inspiraram-se uns aos

outros. A Holanda era, então, um importante centro filosófico e espiritual da Europa. É principalmente de Amsterdam que se expandiram as idéias do místico alemão Jacob Boehme (1575-1624). Sua visão mostra inúmeras concordâncias com os conceitos que o filósofo espanhol Juda Abarbanel (1460?-1535?) colocou por escrito em *Diálogos de Amor*. Para ele, a alma ainda era uma espécie intermediária entre a razão e o conhecimento divino. É somente com o auxílio do Amor divino que a alma pode retornar a sua pátria celeste.

#### **PERDA DA COMPREENSÃO LIBERTADORA NO “SÉCULO DAS LUZES” E NA ÉPOCA ROMÂNTICA**

Portanto, é no século XVII que foi reformulada e descrita a ligação entre razão e mística. Tarde demais, temos a surpresa de constatar que espessa camada de neve, no século XVIII, cobriu este rico tesouro de idéias e de impulsos espirituais! Este fenômeno pode ser explicado pelo fato de que o pólo da mônada, a alma — o deus interior — foi sendo cada vez menos considerado como o fundamento do verdadeiro conhecimento. Deu-se muita importância ao raciocínio especulativo, conhecido pelos gregos e qualificado de sofisma e de retórica. Platão e Sócrates rejeitavam este método por-

*Além disso, houve grupos como os Colegiados renanos (séculos XVII e XVIII) que desempenharam um papel importante no aprofundamento da relação entre a alma, o conhecimento, o amor, a razão. Nestes círculos, Spinoza tinha muitos amigos, como os irmãos Joosten de Vries e o escritor Pieter Balling, que lhe dedicou um livro, em 1662.*

que ele dava maus resultados. Assim, a razão foi ficando pouco a pouco desprovida de qualquer espiritualidade e afundou no que se chamou de racionalismo.

Em seguida, na segunda metade do século XVIII, manifestou-se uma corrente renovadora, sob a bandeira que trazia a divisa: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, que se difundiu no “Século das Luzes”, como impulso espiritual dirigido contra a tradição, os dogmas da igreja, o absolutismo e os preconceitos, e que se fiava inteiramente no poder da razão esclarecida, na ciência, e sobretudo no progresso. Este fato coincidiu com a descoberta do planeta Urano que, desde o século XVII, foi qualificado de “mensageiro do Conselho Divino”. No livro *Confessio da Fraternidade da Rosa-Cruz* A.D. 1615, com comentários do autor, Jan van Rijckenborgh diz:

*Deus já enviou mensageiros de Sua Vontade, estrelas surgidas no Serpente-rius e em Cignus... Descobrimos que os possantes signos do Conselho Divino dos quais aqui tratamos podem ser identificados aos três planetas dos Mistérios: Urano, Netuno, Plutão. Urano, o renovador do coração; Netuno, o renovador da cabeça; e Plutão, o recriador final”.<sup>6</sup>*

É verdade que muitos reagem negativamente à atividade de Urano, que influencia a verdadeira intuição, a atividade que já se sentia principalmente no “Século das Luzes”. Muitos, respondendo emocional e profanamente a este impulso libertador, mergulharam, no Romantismo, em oposição radical ao racionalismo da época.

#### **A NEGAÇÃO DOS AXIOMAS IRREFUTÁVEIS DO SÉCULO XVII**

A primeira consequência foi que a sede da alma já não foi reconhecida como tal e todos os axiomas do século XVII foram abandonados. No início do século XIX, o filósofo alemão Hegel

(1770-1831) apresentou sua filosofia idealista dialética, em que ele colocava o espírito (a consciência) diante da realidade para chegar à autoconsciência. Apesar de seu respeito e de sua deferência com relação à obra de Spinoza, ele rejeitou completamente o aspecto espiritual. Então, a mística racional da *Ética* — o equilíbrio que se irradia do coração e da razão (o aspecto moral e o aspecto racional) sob o impulso da alma impessoal — mergulhou na noite por um longo tempo.

O segundo fenômeno do “Século das Luzes” desencadeou reações negativas, uma fixação sobre conceitos materialistas e o desenvolvimento prático da ciência, que se foi desligando pouco a pouco de toda e qualquer idéia de Deus. O Romantismo caracterizou-se por uma visão animista do mundo centrada no eu. Os artistas exaltaram as coisas do mundo, a busca de um ideal, assim como a experiência intensamente vivida do amor, da felicidade e do sofrimento.

Apesar dos apetites gulosos do eu romântico, que excluíram a mística sutil de Spinoza, o poeta alemão Heinrich Heine escreveu:

*“Há, nos escritos de Spinoza, uma certa atmosfera que é inexplicável. É como se a doce brisa do futuro exalasse deles”.<sup>7</sup>*

Mas, enquanto a ciência materialista e o Romantismo conheciam seu maior triunfo, houve um novo impulso da idéia gnóstica, que foi determinante para o novo modo de vida que deveria resultar dele. Graças a diversas influências esotéricas, o caminho ia sendo aplainado para uma evolução totalmente nova. O mundo importante do pensamento teosófico e antroposófico opôs-se à ciência intolerante e principalmente materialista e dogmática.

Exotericamente, aconteceu a mesma coisa, por exemplo, com o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), que soube desmascarar magistralmente

as pretensões e a hipocrisia da ciência. Além disso, ele mostrou que o cristianismo verídico, original, “é possível a cada momento” (“in jedem Augenblick möglich ist”), porque a redenção de seu próprio ser depende de cada um.<sup>8</sup> Segundo ele, Spinoza já havia dado prova disso. É por esta razão que Nietzsche afirmava que era possível viver novamente o amor de Deus graças a Spinoza<sup>9</sup>. Ele descreve a ressurreição do homem original em *Assim falava Zaratustra* (1883), obra que trata do “homem superior” (*Übermensch*) em resposta à crise desta época.

Graças às influências e às correntes sobre as quais falamos, aconteceu uma reviravolta na vida e no pensamento. Mas isto ainda não significava que realmente tinham uma idéia clara de que o eu deveria desaparecer e de que ele certamente não seria “assimilado” automaticamente pela mônada, como se dizia, e como ainda se diz. Se o homem deve um dia ser o portador do amor divino, o eu deverá deixar lugar para tanto. O amor divino e a liberdade interior em Cristo somente são possíveis quando a alma imortal e o Espírito divino estão unidos, um ao outro. Ora, esta ligação não deixa nenhum lugar ao ego tríplice humano. Os rosa-cruzes do século XVII expressavam este fato com as seguintes palavras: “In Jesu morimur” (Em Jesus, que é a alma imortal, morremos). Mais tarde estas palavras foram assim modificadas: “In Christo morimur”, a fim de sugerir que o ego desenvolvido pode perder-se diretamente no Espírito, em Cristo. Todavia, os escritos gnósticos originais dizem: “In Jesu morimur”, e a história mostra, desde o início do último impulso gnóstico, que *na ausência de uma nova alma imortal, a iluminação transforma-se em seu contrário.*

## O “SÉCULO DAS LUZES” MERGULHO NAS TREVAS

Em 1947, em Amsterdam, surgiu a primeira versão europeia de “Der Dialektik

der Aufklärung” (A Dialética das “Luzes”) dos sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973)<sup>10</sup>. Os autores mostram como todos os objetivos de quase um meio-século de “Luzes” surtiram efeito contrário, e que esta corrente coloca em perigo a humanidade ocidental. O intelecto, dizem eles, destruiu a Razão, pois o eu o empanturrou de objetivos terrestres e agora ele se apresenta como uma entidade independente.

A grande ilusão do que chamamos de “Século das Luzes” e do Romantismo surge claramente quando examinamos todas estas tentativas empreendidas, desde o século XIX, para atingir um certo nível espiritual graças à ciência

Aqui, o filósofo Empédocles (século V) simboliza a tendência secular do ser humano de seguir sua voz interior e de dirigir seu olhar para o que ainda não consegue perceber (Luca Signorelli, Catedral de Orvieto, Itália, cerca de 1500).

materialista, sendo que esta perspectiva não passava de uma nova ilusão. Em Confessio da Fraternidade de Rosa-Cruz<sup>11</sup>, Jan van Rijckenborgh diz, sobre este assunto:

*“Tal é a ilusão de nossa época, ilusão sobre a qual se repousam as filosofias, ilusão que faz tropeçar em Hegel e sua dialética; a noção errônea das relações entre força e matéria e sua mútua interação nesta natureza. O homem se agarra à matéria para elevar-se. Quer elevar-se, abraçando a matéria. Fazendo isto porém, ele descobre que as forças materiais são relativas, que, no fundo elas não existem absolutamente, que são fictícias e limitadas. Ele atravessa uma crise. Descobrimo que a matéria é uma força, tenta irromper através da matéria, e a dialética se manifesta. A força o repele, e ele rola na poeira da relatividade, raspa-se com lascas de barro, e o drama clássico de Jó repete-se mil vezes”.*

Os setores fundamentais, como a Matemática e a Física não podem explicar nem seguir a vida tão complexa, tão dinâmica e tão rebelde. Estas ciências não encontram nenhuma base irrefutável para seus fenômenos. É assim que as ciências continuam sendo especulativas e não podem demonstrar a verdade absoluta. Estas especulações surgem de um lado pela falta de verdadeiro conhecimento, e, de outro, porque a ciência orienta sua bússola por experiências que se desenvolvem no interior das dimensões espaço-temporais. Quanto a isto, Spinoza diz: *“A experimentação jamais nos instruiu sobre a essência das coisas”*. No século XVII, já se havia compreendido que os conhecimentos que não provêm de Deus só podem ser especulativos.

No século XX, Jan van Rijckenbotrgh, que é o fundador da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, reuniu o imenso tesouro de conhecimento dos rosa-cruzes do século XVII, de Spinoza e de muitos outros ainda, e foi assim que ele fez a síntese da sabedoria clássica e moderna. Graças à força gnóstica que o ani-

## O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR EGO?

*O homem dialético tem uma consciência tríplice, com um “eu” tríplice. Estes três estados de consciência não são somente figurados ou filosóficos: eles também podem ser demonstrados científica e organicamente. A consciência central ou “eu” encontra-se na cabeça. Todas as faculdades intelectuais, assim como seu treinamento, procedem da atividade do eu. A segunda consciência está sediada no coração. Esta consciência não tem nada a ver com o átomo original situado na cavidade direita do coração. Esta consciência é a responsável por todos os registros da vida emocional e sentimental. A terceira consciência está situada na bacia e está ligada ao sistema do fígado, do plexo solar e do baço. Este ego da natureza é o mais fundamental dos três. Ele determina o caráter e a amplitude do karma, e assim influencia os dois egos e os mantém a seu serviço.*

mou, ele afastou a obscuridade causada pelas pretensas “Luzes”, e fez isto para o bem de todos.

## AS NÚPCIAS ALQUÍMICAS: RETORNO A DEUS

O apoio aos valores culturais desapareceram rapidamente no século XX. Na verdade, eles foram conservados em grande parte por uma autoridade moral, por um lado, e por uma visão da ciência ao mesmo tempo romântica e realista, por outro. Atualmente, estes valores estão esfacelando-se e vão desaparecendo com o vento. Mas, por baixo de tudo, o próprio fundamento da Verdade,

escondido no coração de todos os seres humanos, continua existindo como uma jóia empoeirada e sem brilho. Ora, esta jóia é um princípio autônomo.

Atualmente, todos os que estão buscando podem começar purificando o santuário de seu coração. A força renovadora necessária é simbolizada e mantida pelo planeta Urano na qualidade de planeta dos Mistérios. Esta fonte de renovação tem um poder tão grande que é uma verdadeira alegria ver os valores carcomidos do século XVIII e do século XIX serem varridos, e assistir sua transmutação em verdadeira Liberdade, Unidade, Amor.

O dilema do buscador atual pode ser resolvido por esta verdadeira Força: a Gnosis. Sobretudo em nossa época, em que o desespero obriga a restaurar alguns conceitos teológicos medievais e arcaicos, a intuição divina da qual fala Spinoza tem o poder de efetuar um trabalho saudável na nova alma. O homem que se orienta espiritualmente — que chegou a um ponto morto em planos científicos e artísticos, assim como no cristianismo dogmático — já não consegue ver Deus fora de seu próprio ser. A esposa, a nova alma, já mora dentro dele, mesmo que ele ainda só possa perceber sua voz. Aquele que suspira pela liberdade interior e vivencia em sua alma que este mundo é uma prisão não tem necessidade de esperar a morte. As verdadeiras “Luzes” já começaram a brilhar para ele há muito tempo.

Mas, voltemo-nos para a mais alta e profunda fonte de experiência gnóstica e digamos, com o gnóstico Valentino (140 d.C.):

*Aqueles que dizem que é preciso primeiro morrer para ressuscitar depois, se enganam. Se não conseguirmos a ressurreição durante a vida, não a conseguiremos depois da morte.* (Evangelho de Felipe).

No coração do ser humano, o “completamente Outro” espera... até que o eu silencie e que a festa, a celebração das núpcias, possa começar.

*Per Spiritum Sanctum Reviviscimus!*

1) *Fama Fraternitatis*, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1983.

2) *Logica en ervaring in Spinoza's en Ruusbroecs's mystiek* (Lógica e experiência na mística de Spinoza e de Ruysbroeck), H. G. Hubbeling, Leiden, Brill, 1973.

3) *Spinoza*, H. G. Hubbeling Ambo/Baarn, 1989.

4) *Ética*, de Spinoza.

5) “A luz no candelabro que serve para observar coisas importantes, no livretinho chamado ‘Os segredos de Deus’” P. Bailling, 1662.

6) *Confessio*, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, 1987, 1ª edição, p. 45a54.

7) *Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland*.

8) *Der Wille zur Macht* (A vontade de poder), Friedrich Nietzsche

9) *Zur Philosophie und ihrer Geschichte*, Friedrich Nietzsche.

10) *Dialektik der Aufklärung*, 1947, Max Horkheimer, Theodor Adorno.

11) Cf. 6) Chap. 1.

# SENSAÇÃO DE ALEGRIA E DE DESEJO INTENSOS\*

*Na Ética de Spinoza, encontramos esta afirmação, entre outras: “Quem, levado pelo medo, faz o bem por temer o mal não é guiado pela razão. Entretanto, o homem, tocado pela razão que ‘está no meio’, terá somente sensações de alegria e de desejo intensos, para sempre”.*

Imaginal que estais tão abatidos e chocados com a vida que, por medo de sofrer ainda mais profundamente, vos refugiais na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea e que, sob o império deste medo intenso, vos tornastes alunos. Muito bem: nela se fala que, tomando consciência da sabedoria gnóstica, podeis entrever, nem que seja por um segundo, um pequeno raio de luz do caminho da perfeição. Pode ser que a razão, que está “no meio” jamais tenha falado convosco. Então, a rosa-do-coração ainda está totalmente em botão, e a doutrina gnóstica ainda não faz nenhum sentido para vós, não tem nenhum significado, nenhuma força.

Uma escola espiritual como a nossa

não entra, de modo algum, no esquema de uma religião natural. É por isso que Spinoza diz: “Aqueles que se esforçam em constranger o homem pelo medo (e aqui ele se refere ao medo de uma justiça vingadora) obrigando-o a fugir do mal ao invés de amar a virtude, somente estão tentando torná-lo tão miserável quanto eles mesmos”.

Portanto, observai o seguinte sinal característico: o ser humano que chegou ao fim de seu caminho na natureza da morte, e que já atingiu o fundo do poço do enfraquecimento, e que viu sua vida consumida em angústia, preocupação e medo, e também na luta e no instinto de conservação, deve indagar-se para saber se ainda tem o impulso frequente de buscar novos objetos ou motivos de angústia, de preocupação e de medo, e se tem a tendência de achar novas razões para começar ou seguir uma determinada luta.

Se o caso for este, então ele não terminou sua travessia da região da desesperança: ele ainda não atingiu o fundo de seu sofrimento.

Quando, psicologicamente, estais no vosso limite, então nasce o silêncio, a resignação, e depois a voz da rosa ressoa através de vosso sofrimento: é a voz da razão que “está no meio”. Não estais fugindo mais uma vez, mas a alegria e o desejo vos invadem: “O homem tocado pela razão terá somente sensações de alegria e de desejo intensos, para sempre”.

Spinoza (1632-1677), o filósofo holandês de origem judia portuguesa que foi rejeitado pela sinagoga por suas idéias não-conformistas

\* Texto extraído da *Gnosis Chinesa*, comentários sobre o Tao Te King, por Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1992.

# O GOLEM

*A palavra hebraica “golem” significa “corpo sem alma”, “matéria sem forma” ou “argila”. Aqui, referimo-nos ao que ainda está “sem forma”, “embrionário”. Em seguida, esta palavra refere-se à imitação luciferiana da criação divina, e às atividades humanas que daí decorrem em todos os domínios da cultura terrestre.*

Existe uma narrativa do século XIII, proveniente de um grupo de cabalistas do Sul da França, em que a história do golem é assim relatada:

*Ao final de três anos, quando eles começavam a reunir as letras do alfabeto combinando-as, agrupando-as e formando palavras, um homem foi criado e em sua frente estava escrito: “JHWH Elohim Emet”: o Senhor Deus é Verdade. Mas este ser (golem) trazia uma faca na mão e com ela raspou o Alef (a primeira letra do alfabeto hebreu) da palavra “Emet”, de tal modo que somente restou a palavra “Met”, que significa “morte”. Portanto, agora estava escrito: “Deus está morto.” Jeremias rasgou suas vestes e disse: “Por que tiraste o Alef da palavra Emet?” Ele respondeu: “Vou dizer-te uma parábola: um arquiteto construía casas, cidades, praças, e ninguém conseguia igualá-lo em seu trabalho, nem compreender seu saber, nem possuir suas capacidades. Mas dois homens o obrigaram e ele lhes desvelou seus segredos e todos os aspectos de sua profissão. Quando estes dois homens já tinham aprendido tudo com o arquiteto, puseram-se a discutir com ele até romper relações; então, tornaram-se arquitetos independentes, pedindo preços inferiores para os mesmos serviços. Quando*

*se percebeu, todos davam o trabalho de construção para estes dois homens. Deus também vos fez a sua imagem, de acordo com sua natureza e sua forma. Mas agora, assim como ele criou, vós também criastes um homem, e os homens dirão: “Não há Deus no mundo, a não ser estes dois!”*

*E Jeremias disse: “Em verdade, devemos estudar estas coisas unicamente para conhecer a força e o poder do Criador, mas não devemos colocá-las em prática”.<sup>1</sup>*

Em todos os homens, há um golem profundamente escondido dentro de seu ser: o germe de uma forma ideal, um novo Adão que ainda não nasceu. Esta imagem remete à tarefa interior que todos devemos executar: a rejeição do velho Adão, para substituí-lo pelo novo homem, Adamas, a Alma-Espírito.

Entretanto, o golem não é somente o símbolo do “novo” que deve vir, mas também da situação atual do homem terrestre a quem falta o Espírito, o que faz com que ele seja um “ser sem alma”. Enquanto o novo Adão, que está latente dentro dele, não reage, ou não pode reagir ainda ao chamado que vem do Espírito, o homem terrestre é um golem, um instrumento sem vontade, uma bala que as forças que se combatem atiram umas nas outras. Estas forças moram dentro dele: são impulsos que combatem contra a inteligência, desejos contra a vontade, emoções contra a razão, e assim por diante.

A versão da história do golem que citamos tira seu profundo significado da força de um nome. E, especialmente, do nome hebraico de Deus (Jeová), escrito com as quatro letras JHWH, o tetragrama. Este nome não devia ser pronunciado, a não ser por



iniciados. Por esta razão, dizia-se frequentemente: “o Nome”. Um nome sempre está ligado a uma força, e exprimir um santo nome libera esta força. Daí vem a história de que o direito de emitir o Nome era reservado aos sacerdotes e iniciados.

O homem criado à imagem de Deus, de acordo com sua natureza e sua forma, é o homem microcômico, o homem divino. Por mais que possamos imaginá-lo, pensamos em um ser autocriador, em uma entidade masculina-feminina, em harmonia com a natureza divina original. Este Homem (com maiúscula) era uma criatura proveniente de uma matriz divina. Em hebreu, esta força, Nephesh, que dá a vida e a forma, é chamada de “sopro”. O homem divino é denominado Adam Kadmon. Ele era e é um co-constitutor, um co-diretor do plano divino.

Segundo a tradição do século XIII, o golem foi criado sobre o conselho do Sepher Letzirah, o Livro da Criação. Ele foi tirado da argila, ou de uma “massa sem forma” (Salmo 139, 16). Em 1580, o sábio e piedoso Maharal de Praga, Jehoeda Loev ben Bezlel, moldou na argila uma espécie de homem artificial ou golem para proteger os habitantes do gueto de Praga contra os ataques dos cristãos. O rabino deu vida a esta criatura, introduzindo em sua boca um pergaminho que trazia a seguinte inscrição: “O nome exato de Deus”. Existe também, na tradição judia, um ritual mágico conhecido: o “criador”, o mágico, sopra areia sobre um prato cheio de água enquanto a cada respiração as pessoas dizem uma letra do Sepher Letzirah. Portanto, aqui também há uma referência a “sopro”. Pensa-se também no conceito “inspiração”, que todo o artista criador possui.

## A LETRA ALEF

É muito significativo que, tirando-se a primeira letra do alfabeto hebraico, o Alef, a verdade desapareça e que a morte tome seu lugar. O Alef equivale à

origem, à fonte. O valor numérico do Alef é 1. Pode-se dizer: na natureza divina reinam a unidade e a verdade. A verdade é criadora e formadora. Diz-se que o homem-microcosmo original possuía uma consciência microcômica e macrocômica. Ele vivia da unidade com Deus e nesta unidade ele estava ligado harmoniosamente com todas as criaturas vivas.

Lúcifer criou uma contranatureza, que é similar e imita a natureza divina. Ele quebrou a ligação com esta unidade e com a verdade; e a verdade transformou-se em morte. Os microcosmos que o seguiram e mergulharam na matéria deram a Lúcifer, que acabara de chegar, todas as honras e todos os cargos. Sua criação é este mundo no qual os homens vivem e morrem. É uma natureza totalmente separada da fonte original e, por isso mesmo, degenerada a ponto de ser desprovida de alma, habitada por criaturas sem alma: os golens. A partir deste ponto de vista, todo o homem mortal é um golem.

Segundo a filosofia gnóstica, a natureza mortal, luciferiana, é submetida à dualidade. É o mundo dialético dos opostos. A dualidade reina nesta natureza e portanto também em cada pessoa:

À esquerda: a casa do golem (Fritz Schwimbeck, 1917).

Embaixo: um corvo voava em direção de uma pedra que parecia engordurada, pensando: quem sabe isto é bom para se comer (Fritz Schwimbeck, 1917)!

dia e noite, calor e frio, amor e ódio etc.. O equilíbrio entre os dois é cada vez mais temporário e instável e tudo logo se transforma em seu contrário. É por isso que os antigos gnósticos, principalmente os maniqueus, diziam que o mal era o bem que caía em um mau momento. O que um dia era “bom” transformava-se mais tarde em “mal”. Assim, tudo no mundo dialético é relativo e é o produto da ilusão. Assim, a vida também é relativa, limitada, finita, e está submetida à degradação, ao declínio e à morte. A conclusão lógica é que o campo de vida dos seres humanos não é o campo de vida ímpio. Cada um segue sua própria verdade e se atribui corpo e alma. E, em nome desta verdade relativa, explodem guerras espantosas.

Portanto, a consciência humana também é dupla e cheia de contradições. Fala-se de uma consciência das horas de vigília e de um subconsciente que tem sua própria vida. Este apresenta todas as características de um fantasma que, regularmente, rege a consciência de vigília ou até mesmo a obscurece. O escritor austríaco Gustav Meyrink (1868-1932), em seu célebre romance intitulado *O Golem*, tomou esta imagem do golem como um símbolo deste fantasma individual e coletivo.<sup>2</sup>

Da mesma forma que a criação luciferiana separada leva sua própria vida, assim acontece com seus habitantes. Posto que a “queda” é um processo e que cada passo neste caminho pede um outro, em um certo momento desaparece toda e qualquer luz e somente reinam as mais profundas trevas. Na pior das hipóteses, estas trevas — ou seja, a privação da alma — levam à possessão. Para romper este efeito de bola de neve, é preciso estabelecer uma nova ligação com o campo de vida divino. Tudo na natureza aspira a isto. Mas a solução não está no progresso da tecnologia, ou o que chamamos de “a arte pela arte”, por exemplo. É como se um neófito, de modo arbitrário e sem a preparação necessária indispensável para uma criação mágica, tentasse dar vida ao resto do golem de Praga. Ele é incapaz de dominar o processo e o golem vai

crescendo até tornar-se um figura monstruosa. Se ele não praticar logo o “ritual da dissolução”, o monstro irá atirar-se sobre ele. Então, o neófito será abatido e sufocado por sua própria criatura.

No romance de Meyrink, *O Golem*, um desconhecido dá um livro ao personagem principal, Athanasius Pernath. O desconhecido lhe mostra um capítulo intitulado “Ibbur”. A inicial dourada “I” parece estar gasta e Pernath recebe a tarefa de restaurar a letra. “O livro me falava como em um sonho, cada vez mais clara e nitidamente. Ele perturbava meu coração como se fizesse uma pergunta.” diz Pernath.

A palavra “Ibbur” significa “fecundação da alma”. Se a vida da alma é percebida e vivida conscientemente no sentido pleno da palavra, a alma é fecundada pelo Espírito e daí nascerá o homem celeste, o microcosmo restaurado. É um processo de auto-iniciação, em que a pessoa se torna consciente de sua origem e de sua vocação de homem divino. Ou seja, como diz a Pernath o arquivista Hillel: “Você pegou o livro Ibbur e o leu. Sua alma ficou grávida do Espírito de vida”.

Não é por acaso que este romance de Meyrink (escrito em 1915) teve um grande sucesso. Primeiro, porque ele é escrito genialmente. Mas seu sucesso

Anúncio da aparição do golem (Fritz Schwimbeck, 1917).

deveu-se, principalmente, pelo tema do subconsciente, simbolizado pelo golem, que era um tema muito vivo na época. Vinte e nove autores já haviam tratado do tema do duplo na literatura, como “Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, por exemplo. A psicanálise entrava em cena (Freud, Adler, Jung), e pretendia-se “descobrir” o subconsciente.

O que desde 1924 é empreendido pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea não tem como finalidade a reanimação do subconsciente. A Escola Espiritual não se dirige à consciência em vigília normal, nem ao subconsciente, mas ao ser divino, o microcosmo. Neste processo, o núcleo espiritual do homem é libertado dos entraves do espaço e do tempo, que são as colunas da contranatureza luciferiana. Assim a força do subconsciente, o “golem interior”, é transformada: trata-se daquilo que a tradição cristã chama de “perdão dos pecados”.

Este processo conduz à libertação e à recriação do homem divino que é prisioneiro do homem mortal. Assim, o ser humano é santificado, enobrecido. Ele pratica a verdadeira religião, ligando o Alef à morte, e assim ele triunfa sobre a morte.

1. Joseph Dan, *The Early Kabbalah*, New York, 1986.
2. Gustavo Meyrink. *O Golem.*, Rosekmis Pers, Haarlem 1996.

Página de rosto do *De Poort des Lichts* (O Portal da Luz), de Paulus Ricius (obra cabalística de 1516).

# O DESEJO DE VIVER A VIDA PERFEITA

*Os seres humanos sabem ou sentem que eles já não estão em união com o Criador, que eles já não fazem parte da unidade divina. Eles são como barquinhos abandonados, flutuando sobre o mar, ao sabor das ondas. Eles perderam a direção. Às vezes sopra a tempestade e a água se tumultua; às vezes o oceano da vida é calmo e alegre. Mas, onde leva esta viagem? A maioria não sabe.*

**A** Escola Espiritual da Rosacruz Áurea fala dos quatro alimentos santos, dos materiais de construção divinos, com os quais é possível lançar uma ponte entre o terrestre e o divino. Quando o Pensamento divino que emana do Pai irradia na substância primordial — ou seja, no campo matricial não-manifestado — produz-se uma animação, surge uma centelha. Uma idéia divina que provém do Pai une-se a este campo-mãe, e esta união desencadeia um processo ígneo.

Este processo pode ser comparado ao processo de desenvolvimento de um embrião. Dois princípios confluem: daí se desenvolve um ser vivo, com todas as conseqüências decorrentes. Na base, encontra-se um plano — e as forças executam este plano da maneira correta. A idéia surge a partir de Deus, o Pai, e é ligada ao campo-mãe divino. Acende-se uma centelha que se define como a animação: a alma. É evidentemente o princípio de uma alma ainda não desenvolvida, mas a alma nasceu e já pode crescer.

Assim, trata-se de um Pai, de uma Mãe e de um Filho. Desta colaboração emanam, a partir daí, quatro forças: as

forças necessárias para a manifestação do plano completo do devir do filho. Trata-se dos números 3, 4 e 1 — melhor dizendo, trata-se do triângulo, do quadrado, circunscritos pelo círculo da eternidade. Destas quatro forças, uma é a força de fogo chamada hidrogênio; a segunda é o oxigênio. Este segundo elemento é necessário para acender o primeiro.

Assim como o embrião cresce em segurança dentro do corpo de sua mãe, a alma também está protegida. Em um desenvolvimento sétuplo, vai sendo constituído um corpo em volta da centelha: não um corpo de carne e de sangue, mas um corpo de luz, um corpo composto de matéria luminosa. Para que este corpo cresça, ainda é preciso duas outras forças chamadas carbono e azoto. O carbono é a matéria de construção do corpo. Ela se torna mais densa e forma um corpo em volta da centelha, de acordo com o plano do processo. O azoto é o fator de diminuição de velocidade, que retém o processo no interior dos limites assinalados pela Idéia. O azoto também é um fator de continuidade, que assegura toda a execução do processo. Quando uma parte do corpo é elaborada, o processo de constituição de células vai diminuindo de velocidade, de tal forma que o crescimento não continua indefinidamente. A atividade se desloca para uma outra parte do corpo.

## RESTABELECIMENTO DO CAMPO DE VIDA CORROMPIDO

Ora, no final do desenvolvimento sétuplo a que nos referimos acima, produz-se um acidente chamado de “Queda”. A al-

ma em crescimento desviou-se do Pai para voltar-se para a matéria. Ela ficou apaixonada pela matéria e a envolve. Então a alma mudou de natureza; sua forma — a princípio luminosa — foi-se tornando pouco a pouco mais densa, e os materiais de construção tiveram de adaptar-se a esta situação, pois a alma, a partir deste momento, tornou-se incapaz de assimilar os quatro alimentos santos originais. Estes alimentos santos tornaram-se, portanto, inacessíveis à humanidade que vivia na matéria grosseira e dela dependia, sem limites.

A Escola Espiritual chama os materiais de construção divinos de quatro “alimentos santos” porque eles provêm da Vida original e são capazes de

reconduzir o homem à Vida original. Na Escola Espiritual, estes quatro alimentos santos servem para curar e santificar o sistema humano decaído. Os quatro materiais de construção do mundo terrestre não se comparam a eles de modo algum: eles nunca serão santos. Se o homem, em seu estado atual, quisesse assimilar os alimentos santos originais, estes se consumiriam neste campo. É somente pela graça divina que os quatro materiais de construção estão disponíveis sob uma forma adaptada. Sem eles, os seres humanos não poderiam viver. Eles só não são mais freqüentemente envolvidos pelos quatro alimentos santos, que estão mais próximos que mãos e pés,

“O emblema de Ur” mostra a oposição entre “a paz” e “a guerra” (Cerca de 2600-2400 a.C. Betume com conchas, calcário vermelho e lápis lazuli, no British Museum, em Londres).

porque também estão infinitamente distantes deles!

#### **O DESEJO DE VIVER A VIDA PERFEITA**

Chamamos de átomo-centelha-do-Espírito no coração o que resta do microcosmo original. Na maioria dos homens, esta centelha está mergulhada em sono profundo. Alguns têm uma reminiscência, aspiram a outras coisas, desejam a Vida perfeita. Este desejo os arrasta pelo mundo e acaba fazendo com que se tornem buscadores da Verdade. Se alguém se torna um buscador é porque Deus sempre está tocando a centelha de seu coração. Nela, está inscrito o plano de desenvolvimento divino original. É a Idéia projetada por Deus. Esta centelha é, certamente, a maior maravilha que se pode imaginar, e habita o coração humano. Assim como, em um passado distante, o homem divino se desenvolvia de acordo com a Idéia de Deus, assim ainda é possível, para o homem terrestre, realizar este plano no momento atual. Entretanto, o grande problema é que a maioria dos seres humanos não está capacitada para ler o plano de Deus em seu coração. Neles, esta centelha, que é o átomo primordial, está completamente inativa, apesar de continuar sendo sempre o ponto de toque e o lugar de reen-

contro entre o homem e Deus.

Em nossa época, quando luz e trevas se apresentam tão claramente, os mais potentes esforços são realizados para despertar o átomo primordial, para acender esta centelha em um fogo poderoso: o fogo da verdadeira alma. Afinal, este átomo contém todo o processo de evolução do microcosmo renovado e totalmente purificado, onde reside o Homem-Luz eterno. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea introduz o buscador neste processo de desenvolvimento.

Para tanto, a Escola Espiritual dispõe de um corpo-vivo onde os quatro alimentos santos são acessíveis. É um campo de trabalho onde todos os buscadores sérios podem cumprir a obra em si mesmos e onde podem receber o auxílio necessário. Para começar, a atividade da centelha deve ser estimulada. Então, ela vai atraindo a força-luz pura que está presente no campo de respiração purificado da Escola Espiritual. Assim, o Corpo-Vivo constitui, em primeira mão, a ponte entre o Reino da Luz original e o mundo perdido onde vive a humanidade, este mundo que qualificamos de dialética.

#### **DESCOBERTA DO QUE SE TORNOU ILEGÍVEL**

Portanto, as forças com as quais devemos construir estão presentes

para que possamos cumprir o caminho que conduz à Vida eterna. Mas o poder de ler o plano de construção já desapareceu. Cabeça, coração e mãos estão mais do que nunca totalmente prisioneiros da estrutura magnética do mundo decaído. É por isso que a Escola Espiritual ensina a seus alunos a ler o plano e a colocá-lo em prática. É por isso, também, que existe uma escola, pois, para muitos, o plano de construção tornou-se ilegível e sua redescoberta exige que ele receba informações valiosas.

Para que a atenção do buscador se volte novamente para o plano e que ele enxergue sua estrutura viva, é preciso que ele o reconheça em seu próprio coração. Linha por linha, palavra por palavra, o plano vai-se introduzindo em seu imo, nas profundezas de seu ser interior. Se ele direcionar-se corretamente e consagrar-se ao plano sem nenhuma restrição, dentro dele despertará a idéia original e ela se refletirá no santuário da cabeça.

A cabeça começa, então, a perceber um pouco o que é o plano, mesmo que ainda deformadamente. Nasce a compreensão, que é a própria base do trabalho para o desenvolvimento do plano. Na verdade, enquanto estivermos mergulhados nas trevas continuaremos a ser barquinhos à deriva,

no mar agitado. Mas, fixando os olhos neste objetivo, a bússola interna pode orientar-se rumo ao porto de salvação. Somente deste modo é possível obter resultados concretos, pois somente então nasce a nova compreensão, que dá impulso para ações libertadoras.

A partir deste momento, é lançada uma ponte entre Deus e o homem; o abismo é preenchido, mas, com a condição de que o desejo, o anelo, seja suficientemente ardente para que o buscador escute e entre no campo de trabalho com toda a humildade. Muitos são os chamados... Mas será que eles conseguirão vencer a resistência da antiga natureza?

O plano de construção está, portanto, oculto em cada coração humano. E é possível aprender a ler este plano, mas cada indivíduo deve garantir sua construção! É preciso talhar cada pedra a partir dos duríssimos materiais do eu. E, freqüentemente, as pedras integradas devem ser quebradas porque elas não se adaptam, ou porque elas são constituídas de materiais ruins, ou porque elas estão mal colocadas. Mas todo aquele que persevera consegue cumprir a obra! Então, o Novo Homem, o Homem-Luz divino ressuscita, enquanto o velho homem desaparece no prodigioso milagre de transfiguração.

Estas seis ilustrações traduzem a visão da "Queda" por Jacob Boehme, a criação de Adão e sua redenção (Ilustrações de Freher, em *The Works of Jacob Boehme*, de William Law, 1764).



# A BUSCA NA “TERRA DE NINGUÉM”

*A época em que cada um seguia docilmente as autoridades vai ficando cada vez mais distante. Todo o mundo acabou encontrando-se face a face com seus próprios sentimentos, suas concepções mentais e seus atos; e pagar as conseqüências não é nada fácil.*

No tempo de Lutero, os católicos compravam indulgências na esperança de garantir um lugar no Paraíso. Hoje, assinamos uma apólice de seguro para nos proteger no futuro. Todo o mundo sabe que o futuro nem sempre é aquilo que se espera. Em todas as épocas, inventaram-se sistemas engenhosos para garantir os resultados desejados. A educação, a ciência e a religião usam estes métodos, mas não podem dar garantias absolutas.

O que acontece quando um projeto, por mais que seja cuidadosamente elaborado, não dá certo uma vez ou outra, ou até chega a ser uma catástrofe? A resposta é muito simples: “É a vida!” Tudo acaba transformando-se, um dia, em seu contrário. A vida na terra é assim, é preciso aceitá-la! Mas esta resposta não satisfaz a todos.

Todas as pessoas se encontram limitadas pela fronteira da “Terra de Ninguém” de sua própria natureza, por assim dizer. Esta “Terra de Ninguém” sempre foi um lugar proibido, mas os seres humanos jamais pararam de tentar explorá-la. Em nossa época, passou a ser mais fácil e muitos aí penetram — conduzidos ou não por um guia, ou por seus próprios pensamentos e desejos.

A primeira descoberta deste “lugar proibido” revela um caos. Tudo aí declina irremediavelmente, invadido pelas

ervas ruins de nossos pensamentos. Ao longe, entrevemos muitos edifícios e templos esplêndidos, mas, quando nos aproximamos, percebemos que não passam de ruínas: são o resultado de um longo caminho de sofrimento. Neste lugar, tudo é inesperado, tudo está em constante transformação, nada é estável, tudo surge de acordo com as circunstâncias, que se modificam à medida que a humanidade vai viajando pelo universo. Podemos comparar esta “Terra de Ninguém” com nosso próprio campo de manifestação microcósmico. Dentro dele também há guerras e destruição, projetos grandiosos e aniquilamento, aspirações profundamente sentidas e pântanos onde afundam os mais altos ideais.

## QUEM AQUI PODE SER UM GUIA EXPERIENTE?

Uma força misteriosa está sempre nos impulsionando a seguir adiante, a fim de descobrir o segredo que está no centro desta região proibida, onde ninguém vive, ninguém reina, ninguém aspira a um poder maior. Empurrado por esta força desconhecida, buscamos, pesamos os prós e os contras, refletimos para saber qual é a melhor direção e tateamos com o pé para garantir a firmeza do chão. O buscador inexperiente logo sofre um acidente. Ele não conhece o caminho, não percebe os sinais que poderiam auxiliá-lo, age segundo sua própria temeridade e já não se encontra, na selva de suas próprias criações. Mas regularmente, mesmo se não for na vida presente, ele chega diante da porta da “Terra de Ninguém”. Ela está bem fechada e bem guardada!

Dante Alighieri (1265-1321) indica o caminho para muitos buscadores na “Terra de Ninguém” de seu ser interior (Retrato de Giotto di Bondone, 1266-1337, em Florença).

Pandora abre sua caixa e dela deixa sair todos os males; somente a esperança continua no fundo da caixa (Gravura do século XIX).

Mas, com um bom guia, ele consegue entrar; então — talvez pela enésima vez — ele vai-se encontrar no ponto de partida da viagem rumo ao desconhecido, e se esforçará para atingir o centro desta região, pois é lá, segundo dizem, que está a fonte da riqueza e da felicidade, onde a porta se abre para um mundo que oferece novas possibilidades. Esta atração o intriga, o impulsiona a enfrentar todos os combates e a buscar novos caminhos que o conduzirão ao centro desta região. Apesar de ver o objetivo surgir muitas vezes diante dele, além das nuvens e da vegetação, a estrada que leva até ele não é reta. É preciso dar muitas voltas para encontrar a direção certa. E, quando enfim ele chega no palácio de seus sonhos, ele percebe

que é uma ruína, um caos indescritível, onde é impossível haver vida.

Entretanto, ele entra. Ele pressente um mistério, vai avançando passo a passo, lentamente, impulsionado pelo desejo de riqueza, de honra, de poder. Será que ele os encontrará neste edifício em ruínas, onde parece que não há nada que o sustente, nenhum elemento valioso? Mas que força é esta que o impulsiona?

É assim que, pesando e sopesando, refletindo e decidindo, ele determina o percurso de sua viagem. Por que ele continua? Porque quer decifrar o grande segredo, adquirir riqueza e imortalidade... ou poder logo servir de guia para todos aqueles que um dia irão entrar — e entrarão realmente — para descobrir

a fonte original de sua própria existência.

Depois de infinitos e corajosos esforços, ele chega ao centro da “Terra de Ninguém” e fica parado diante do grande espaço aberto de seu próprio ser. Ele esperava ver um palácio, um templo, mas encontra-se como que diante de um buraco no tempo, um vácuo tão completo, tão direto, tão angustiante, que ele pensa em dar meia-volta. Por que ele chegou aí? Por que quis entrar até aí?

Quando chega à porta por trás da qual ele descobre que não há nada, tem de mostrar por que veio justamente até aí. Na verdade, este motivo vai determinar a seqüência de sua busca em seu próprio passado — uma “Terra de Ninguém” cheia de horrores.

#### **RENUNCIAR A SI MESMO PARA PODER CONTINUAR**

Este motivo é determinado por sua vida. Este motivo é a soma de todos os seus desejos, pensamentos, experiências. Será que ele entrou para abandonar toda a sua vida e não possuir nada, mais tarde? Será que ele quer entregar-se totalmente para poder entrar?

Agora, ele vê que seu desejo vai ser atendido. Que seu futuro pessoal, no qual ele tanto refletiu, que havia sentido e construído, encontra-se diante dele. Seria realmente este futuro que ele desejava? E os desejos de seu coração, será que também viraram estas ruínas? Ou será que ele foi induzido a erro por seu intelecto e seus desejos, e seu futu-

ro tornou-se um fantasma, uma ilusão?

A humanidade está caminhando há muito tempo e ela enche sua própria “Terra de Ninguém” de todas as suas ilusões e suas conseqüências: por toda a parte há ruínas, campos de batalha abandonados, e novos focos de cólera e de miséria, onde a morte espreita e escolhe suas vítimas. Será que é isto que o ser humano está buscando? Seria esta a sua razão de viver?

Se é assim, ele pode traçar seu próprio futuro com segurança. Mas, quando ele se aproxima do futuro, um medo indizível o surpreende e lhe diz que ele jogou a carta errada. Então ele sabe com certeza que um dia vai ter de voltar ao começo, pois, quando chegar diante do portal da nova vida com um motivo impuro, a caixa de Pandora será aberta e terá de prestar contas a todo o seu passado.

Seria este o seu objetivo? Ou ele deixou atrás de si a “Terra de Ninguém” com a ajuda da alma imortal, que é o único guia que pode encontrar o caminho? Neste caso, a alma o corrige todos os dias e lhe mostra claramente suas motivações. E, quando ele chegar um dia, novamente, diante do portal, e estiver realmente pronto para renunciar a tudo o que ele adquiriu no decorrer de sua vida, toda a riqueza e felicidade lhe pertencerão.

No mundo inteiro, milhares de pessoas fazem esta viagem através de seu próprio passado, presente e futuro. Seu motivo determina a escolha do guia que os conduzirá à única meta do futuro: a Nova Vida que se abre para a imortalidade.

# O NASCIMENTO DA NOVA ALMA E O SIGNO DE CAPRICÓRNIO

*O signo de Capricórnio ocupa um lugar especial na astrologia. É sob este signo que se celebra a festa de Natal. Desde a mais remota antiguidade, o bode é o signo da terra, mas também da aspiração de elevar-se a uma altura solitária. Ele representa o conflito que agita o ser humano: o terrestre deve sacrificar-se para liberar em si a Luz. O conceito de “bode expiatório” tem relação com esta idéia.*

**N**os Mistérios gregos, o homem terrestre, no início do processo de desenvolvimento que deveria transformá-lo em Homem verdadeiro, era representado por um homem-bode ou sátiro, que se divertia-se alegremente, seguindo o deus Dionísio. Mais tarde, um laço íntimo uniu Zeus à cabra Amaltéia, que o amamentou. Atenas, filha de Zeus, carregava como escudo uma couraça de pele de cabra. Assim, diversos símbolos representam a vitória sobre o terrestre.

Na mitologia germânica, o bode que “mostra os dentes” e que “range os dentes” puxa o carro de guerra de Thor, o deus do trovão. Estas duas características, que também se aplicam aos lobos, representam a natureza material agressiva do ser dialético, que pode, entretanto, transformar-se em serva divina. Na véspera do dia em que Thor deveria pôr-se a caminho para combater os gigantes, ele mata dois bodes e os come, mas conserva seus ossos. Ora, no dia seguinte, os dois animais estão bem vivos diante de seu carro. Assim, o superior triunfa sobre o inferior e o transforma em seu servidor.

À medida em que a cabra já não pode

servir à vida superior, ela simboliza a luxúria e o diabo, as forças inferiores opostas ao divino. É por isso, também, que o diabo, o “príncipe deste mundo”, é representado como um bode.

O tempo das “grandes trevas” está sob o signo astrológico do Capricórnio, que é a porta pela qual a Luz divina penetra igualmente nas trevas. O nascimento de Cristo, a festa de Natal, acontece em uma época de grande escuridão\*.

## RECONHECIMENTO DO ADVERSÁRIO INTERIOR

Quem se abre ao nascimento do divino recebe o poder de fazer a distinção entre a luz e as trevas. Uma força não-terrestre o penetra interiormente, e lhe mostra a atividade das trevas, dentro dele e ao seu redor. Somente podemos reconhecer as trevas quando a Luz crítica nos faz percebê-la. Como o Antigo Testamento não se baseia nesta força do Cristo cósmico, que “tudo mostra e tudo estilhaça”, o símbolo do Capricórnio ainda não aparece nestes textos.

Depois da queda, a humanidade ficou tragicamente ligada à matéria. Os gregos expressam este fato em seus “poemas satíricos”, onde tratam do filho dos deuses acorrentado à matéria. É a grande tragédia secular do mundo dialético: uma tragédia desconhecida para aqueles que estão voltados exclusivamente para a satisfação de seus desejos terrestres e são prisioneiros da ilusão terrestre. O bode simboliza a alma destes seres.

Esta mesma idéia é expressada pelo conto espanhol “A Cabra Preta”. Um jovem promete casar-se com uma jovem

casta. Obcecado por seu desejo, ele gostaria que ela se entregasse a ele antes do casamento. Para conseguir seu intento, ele a coloca em uma situação perigosa e promete-lhe que irá salvá-la, desde que ela ceda a seu desejo. Ela cede e ele a salva. Mas, logo que o perigo passa, ela se transforma em uma cabra preta e o segue onde quer que ele vá.

### DOMAR A FERA QUE EXISTE NO HOMEM

A força que tenta intensificar o aspecto animal do ser humano volta-se também, é claro, para aqueles que estão em busca da vida superior. Como eles não conseguem encontrar Deus — pois são freados pela porção animal que existe dentro deles — logo se vêem tomados por sentimentos de culpa. O buscador tem a impressão de que nunca poderá ultrapassar os aspectos inferiores de seu ser, que sempre o estão dominando. Se quisermos obter resultados no caminho da libertação interior, é preciso aprender a ver e a aceitar que a personalidade é o ponto de partida da senda, neste mundo de contrários em que ela vive. Pela compreensão, pela paciência e pela auto-entrega ao caminho de desenvolvimento divino, os desejos inferiores vão-se apagando pouco a pouco, com toda a certeza. Esta imagem também surge nos Mistérios gregos. Os sátiros que servem de escolta a seu mestre Dionísio mostram muito bem sua dualidade e, ainda que a seu serviço, também partem para a aventura. Depois de uma tragédia grega sempre era apresentada uma peça satírica. Em um drama de Eurípides, o condutor dos sátiros declara: “Por tua vontade, Dionísio, eu suporto mil dificuldades!”

No momento em que o sátiros se separam de Dionísio caem prisioneiros dos ciclopes, que são as forças devoradoras da natureza.

A festa que celebra o milagre de Jesus nas Bodas de Caná cai em 6 de janeiro, no meio da escuridão, no signo de Capricórnio. Em seguida, Jesus se retira para o deserto, onde, durante 40 dias de jejum, Satanás vem tentá-lo. O número 40 indica um ciclo completo através do reino da matéria (pois 4 é o símbolo da matéria). Durante todo este tempo, a alma jejua: não se nutre de nada terrestre. Satanás vem tentá-la, dizendo: “Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães” (Mateus, 4:3). Aqui, é preciso considerar as pedras como símbolos da vida inferior, que gostaria tanto de chegar a um status mais elevado. Este aspecto inferior não pode nunca saciar de verdade a grande fome interior dos seres humanos. Depois da terceira tentação, Jesus diz: “Retira-te, Satanás!” (Mateus, 4:10).

Quem consagra sua vida à busca da Luz, haverá de passar pelas três tentações no deserto, não somente uma vez, mas sempre, e das mais diversas formas.

Dionísio no barco com sarmentos que simbolizam a sabedoria que o conduz (Prato de louça grega Exekia, século VI a.C., no museu Antikensammlung de Munique).

É a partir daí que se desenvolve a autoconsciência e a compreensão do processo evolutivo do mundo.

O aluno sério deve aceitar o conflito interior entre a vida inferior e a vida superior, e vivê-lo conscientemente. Então, finalmente, o “grande adversário” (o Satã interno) tem de ceder diante da nova alma em crescimento. Em “Fausto”, de Goethe, Mefistófeles, que é companheiro do Dr. Fausto, diz que ele é uma parte desta “força que sempre cria o bem e sempre pende para o mal”.

Quem quiser empreender a luta interna contra o “mal”, vai observar que esta luta vai sempre mantê-lo muito distante da libertação interior, e que ela ajuda menos ainda para desenvolver o “bem”. Assim, quanto mais fazemos o “bem”, mais o pólo oposto nos atinge. As pedras terrestres não podem transformar-se em pão. Tanto o bem quanto o mal, que são as forças contrárias fundamentais da natureza dialética, devem ser vencidos e abandonados. A imagem do bode expiatório simboliza o homem terrestre em quem penetra a Luz e que é como que repellido pela natureza da morte. Ele evoluiu até o estágio do nascimento e agora se prepara para entregar-se totalmente ao processo de desenvolvimento divino. Ele se prepara para participar do sacrifício da Luz. A animalidade perde seu poder sobre o ser humano meio-animal/meio-homem verdadeiro.

O nascimento da Nova Alma, o homem-Jesus, no signo de Capricórnio, mostra que o homem que aspira a Deus está pronto para abandonar totalmente sua vida antiga. Aí vemos claramente o aspecto positivo do Capricórnio: o ser humano é atraído para o alto, para as alturas solitárias de sua vida, e deve renunciar a tudo o que pertence à vida inferior.

\* no hemisfério norte, pois é inverno.

## O QUE OS ROSA-CRUZES ENTENDEM POR...

*Chakra:* Palavra que vem do sânscrito, língua sagrada dos hindus, que significa “roda” ou ciclo”. Este conceito pode ser aplicado a um certo período de evolução da roda do tempo. No que diz respeito ao sistema corporal humano, esta palavra faz alusão às portas giratórias de ligação entre os diferentes corpos. É através destas portas, ou chakras, que são assimiladas as forças que se derramam sobre os seres humanos. No homem voltado para a vida terrestre, os chakras giram no sentido dos ponteiros de um relógio. Logo que ele atinge um certo nível espiritual, os chakras põem-se a girar em sentido inverso.

*Cristo,* que também é chamado de o “Outro” no ser humano: é o verdadeiro Homem, o Homem imortal, que provém de Deus e que é “perfeito como o Pai é perfeito”. A ressurreição deste Filho único, que é Cristo no ser humano, é o único objetivo da existência no campo de vida dialético.

*Dialética:* É uma característica do mundo no qual vive a humanidade de hoje. Envolve espaço, tempo e forças opostas da luz e das trevas, do bem e do mal, da vida e da morte. Estes dois extremos estão ligados um ao outro e estão sempre gerando um ao outro. A Dialética santa é o mundo original imaculado, que existia antes da queda.

*Escola Espiritual:* A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, o Lectorium Rosicrucianum, é a Escola de Mistérios, que está aberta a todos aqueles que desejam percorrer o caminho de Christian Rosenkreuz. Atualmente, esta Escola está estabelecida em 35 países.

*Eão:* Em sua origem, os 12 eões deveriam ser os guias da humanidade. Por

sua interação secular com as práticas humanas errôneas, eles tornaram-se potestades enormes que vão contra o desenvolvimento original do homem. Formados a partir de todas as formas humanas de energia, de pensamento, de emoção, de ação geradas pela vida terrestre, estes eões estão sempre exigindo mais alimento e fazem com que os homens sacrifiquem suas forças em seu proveito. Onde quer que os seres humanos estejam reunidos (seja por terem a mesma aspiração, ou por estarem agindo em conjunto), estarão criando um eão, ou estarão obedecendo a um eão já existente.

*Éter:* Há três grupos de quatro éteres, ou forças de vibração, que colaboram respectivamente com o santuário da cabeça (éter mental), com o santuário do coração (éter astral ou elétrico) e com o santuário da bacia (éter sanguíneo). Todo o universo visível foi construído a partir destas doze forças.

*Espírito planetário:* Na Doutrina Universal, os espíritos planetários são chamados de “Filhos de Deus”. No interior de suas respectivas regiões, eles têm de levar as diferentes correntes de vida à perfeição. O microcosmo humano, assim como sua personalidade, estão ligados ao Espírito planetário da terra.

*Força crística:* É a força que explica a Sabedoria divina original e que nos dá o poder de voltar à Fonte original da vida. A semente desta força libertadora está oculta em todos os seres humanos; logo que ela germina, faz nascer a Nova Alma. A força crística é um elo de ligação entre o homem que empreendeu o caminho da volta e a fonte original, da qual ele se desviou.

*Gnosis:* É o Espírito de Deus, o alento divino, Logos, É a Força, o Amor e a Sabedoria divinos em ação.

*Logos planetário:* O Logos planetário é o Senhor do planeta original divino, inviolável. Nosso planeta terra provém de uma Terra Santa, para ser uma escola de experiências, onde o microcosmo deve fazer sua aprendizagem antes de poder voltar, purificado e restabelecido, para seu campo original. O Espírito cósmico é o mediador deste processo.

*Macrocosmo:* É o universo. Pesquisas recentes, feitas com modernos telescópios mostraram que o universo tem, pelo menos, doze bilhões de anos. Todos os elementos do macrocosmo também estão presentes no microcosmo. Hermes Trismegisto, o sábio egípcio, diz: "Tudo o que está embaixo é como o que está em cima, tudo o que está fora é como o que está dentro".

*Microcosmo:* É o pequeno mundo (*minutus mundus*). Sistema de vida esférico no qual se encontram (de dentro para fora): o corpo material, o corpo etérico, o corpo astral, o corpo mental (estes quatro formam a personalidade), o campo de manifestação ou campo de respiração, o ser aural e o sétuplo campo magnético espiritual, que tem a *lipika* como limite. O microcosmo do homem atual está danificado e degenerado.

*Natureza da morte:* Nosso campo de vida onde reinam as ilusões e as forças contrárias; o campo de nosso nascimento, crescimento e morte, onde a humanidade decaída deve aprender mediante a experiência.

*Planeta dos Mistérios:* Urano (descoberto em 1718), Netuno (descoberto em 1846) e Plutão (visível em 1930) são os planetas exteriores de nosso sistema solar. Como são campos magnéticos, eles exercem uma grande influência sobre o processo de desenvolvimento da humanidade em geral e de cada indivíduo em particular. Urano ensina a pensar com o coração, Netuno destrói os pensamentos cristalizados e Plutão oferece novas possibilidades.

*Serpentarius:* A constelação de *Serpentarius* (*Ophiuchus* e a Serpente) forma, com a constelação de *Cignus* (Cisne) um campo magnético no interior do qual se desenrolam processos importantes e indispensáveis para o mundo e a humanidade. No curso da viagem de nosso sistema solar no espaço, a humanidade chegou às esferas de influência de *Serpentarius* e *Cignus*.

# AS EXPERIÊNCIAS GNÓSTICAS NÃO SÃO EXPLICADAS HISTORICAMENTE

*As Escolas de Mistérios existiram até na época de Jesus. Algumas se encontravam em Eleusis e em Delos, na Grécia, onde Orfeu e Apolo eram venerados como guardiães dos Mistérios. Na Pérsia, elas ensinavam a sabedoria de Zoroastro; no Egito e na Ásia Menor, elas se baseavam no ensinamento de Atis ou Osíris. O Antigo Testamento refere-se a elas em textos que falam dos Nazarenos, homens consagrados a Deus, como Sansão e Gedeão.*

As pesquisas atuais provam que os profetas conheceram estas Escolas dos Mistérios, pois eles sempre estavam ensinando que os rituais exteriores representavam processos internos que conduzem à ligação entre o homem e Deus. Nesta época, sabia-se que, se o homem quisesse unir-se a Deus, deveria ultrapassar o ponto mais baixo da materialidade. Os que já eram iniciados recebiam o conhecimento encerrado nos Mistérios. Neste processo, os mediadores estavam em ligação consciente com as forças divinas e suas leis — e viviam através delas. Portanto, é de interesse secundário saber quais eram os símbolos utilizados para transmitir este conhecimento.

Até a vinda de Jesus, estes Mistérios foram mantidos em segredo. Jesus mostra claramente, àqueles que o ouvem, que a natureza terrestre pode ser anulada por um processo consciente, no decorrer do qual acontece o despertar e o crescimento do “Deus em mim”. “Quem quiser perder sua vida por mim” (por amor ao Espírito divino) “a ganhará”. A vida de Jesus dá testemunho do

processo que, até esta época, só poderia ser cumprido entre as paredes de uma Escola de Mistérios. Em seus pensamentos, seus sentimentos e sua vontade, ele renunciou a seu egocentrismo para que o filho de Deus florescesse dentro dele.

A humanidade havia chegado ao ponto em que os Mistérios deviam ser revelados para garantir seu progresso espiritual. Tornou-se possível vivenciar o processo da morte e da ressurreição interiores de modo autônomo e responsável. Isto significa que, há cerca de 2.000 anos, o despertar do verdadeiro ser podia tornar-se um processo consciente.

## A GNOSIS REVELADA ABERTAMENTE

Portanto, os Mistérios estavam abertos a todos e já não eram reservados exclusivamente a um pequeno grupo de eleitos, iniciados, por assim dizer, exteriormente. A iniciação tornava-se um processo interior que era preciso ser vivido com plena consciência. É por isso que as Escolas de Mistérios podiam fechar suas portas. Jesus revelava o conhecimento oculto; e este conhecimento, a Gnosis, surgiu como uma corrente historicamente visível nas regiões à volta do Mediterrâneo.

Sempre nos perguntamos como a Gnosis surgiu tão de repente, pois parece que ela veio ao mundo como que saída do nada, sem preparação, e já completamente adulta. Ela carregava em si traços de todas as culturas e tradições do tempo. Mas qual era sua origem? A Pérsia, Israel, a Grécia, o Egito?

Daí para a frente, as Escolas de Mistérios, que jamais deixaram de seguir o

mesmo objetivo, podiam revelar abertamente sua doutrina, e a sabedoria gnóstica foi transmitida quase simultaneamente, sob formas bem diversas, entre os judeus, os gregos e os persas.

#### **MAIS UM PASSO RUMO À META FINAL**

Qual forma prevaleceu? Isto não tem a menor importância, pois destes locais sagrados irradiou-se uma poderosa corrente universal de força gnóstica que veio sustentar a sabedoria que já havia sido divulgada. Muitos se indagaram por que tantos grupos gnósticos falavam de salvadores do mundo diferentes de Jesus, agora que Jesus era considerado “o Salvador”, a força salvadora. Em alguns manuscritos de Nag Hammadi, os salvadores têm nomes egípcios e persas, enquanto outros mencionam Jesus. Os Hierofantes dos Mistérios que abriram suas portas na época de Jesus sabiam que a sabedoria estava manifestada nele e que começava uma nova fase do caminho que conduz à meta final — mas alguns ainda utilizavam nomes dos salvadores originais de períodos anteriores. Por exemplo, alguns escritos de Nag Hammadi falam de Set, filho de Adão.

Outros adaptaram seus ensinamentos ao novo período e introduziram o nome de Jesus. Mas será que é tão importante saber o nome dado à força libertadora, para quem quer percorrer o caminho e tornar-se o verdadeiro Homem? Não é verdade que é ao Homem original que estes escritos estão-se referindo? Também fica claro porque os escritos gnósticos sempre mostram a libertação como parte de um grande processo cósmico. Quando se trata da salvação no Novo Testamento, pouco se menciona a criação do mundo e o papel da humanidade neste processo, e não há alusão a respeito da humanidade anterior à queda, nem sobre a possibilidade de uma volta a esta humanidade. O Novo Testamento se limita em falar sobre a

libertação em si enquanto a sabedoria tradicional judaica, grega e egípcia demonstra claramente as relações cósmicas deste processo. É por isso que todos os sistemas gnósticos propõem mitos que explicam o nascimento do mundo espiritual, a criação do mundo terrestre, as hierarquias espirituais dos anjos e arcontes que governavam o mundo.

#### **A VERDADE GNOSIS É O CONHECIMENTO DIRETO DE DEUS**

Diz-se que o conceito “Gnosis” procedia de características psíquicas e espirituais do tipo humano mediterrâneo de cerca de 2.000 anos atrás. Este homem vivenciava, então, uma espécie de vazio, pois todos os valores espirituais e tradicionais estavam virando ruínas. Todas as certezas estavam-se desfazendo. As estruturas sociais, as normas e os valores gerais já não ofereciam nenhum apoio. A humanidade estava enfrentando um caos indescritível. Neste sentido, é evidente o paralelo com nossa época. Pensou-se que, para preencher este vazio, alguns imaginaram uma série de certezas e de processos sobrenaturais no interior dos quais seria possível alguém se retirar a fim de poder, ao menos, continuar a existir. Segundo esta teoria, os sistemas gnósticos não passam de reações ao ambiente e à natureza, e não possuem nenhum valor objetivo.

Mas, de acordo com escritos gnósticos autênticos, mostra-se, entretanto, que as experiências de seus autores não dependem de modo algum das circunstâncias sociais ou outras. São experiências interiores que somente podem ser vivenciadas quando o princípio espiritual latente no ser humano está despertado e lhe mostra a instabilidade e a impiedade do mundo. Assim, não é importante se o mundo está bonito ou caótico. Pode acontecer, porém, que estas experiências somente possam

realizar-se quando todos os sistemas antigos se desfazem e quando o ser humano se encontra em total confusão.

Não podemos marcar as experiências gnósticas com uma etiqueta histórica, psicológica ou cultural. Também não se trata de colocar a Gnosis na lista dos produtos da sabedoria tradicional. A Gnosis sempre será uma experiência direta da Luz divina. Se quisermos ligar novamente a Sabedoria dos Mistérios ao desenvolvimento da História, podemos somente dizer que os antigos símbolos servem para representar processos que se manifestam. Os locais sagrados servem, por assim dizer, de vestes para a sabedoria. Esta sabedoria carregada de força libertadora impulsiona o gnóstico a seguir o caminho indicado dentro de seu próprio ser interior, para aí buscar a libertação de sua alma.

Se quisermos estudar a origem e o significado do conceito “Gnosis”, será preciso perguntar de onde provém a sabedoria original das Escolas dos Mistérios de todos os tempos. Os biólogos sempre gostam de explicar que a origem da vida vem de outro planeta. Mas isto somente desloca esta origem, sem explicá-la. O mesmo acontece com a origem da Gnosis. As experiências gnósticas dizem respeito à vivência individual de uma ligação direta com Deus. Estas experiências estão fora do tempo, fora da História, fora dos modelos culturais. Não são nem especulações, nem invenções arbitrárias. Elas tratam do ser verdadeiro dentro do homem, da realidade do mundo de onde provém o homem interior e do que é característico da Gnosis — do caminho que é preciso ser vivenciado para voltar ao mundo original.

#### **A ALMA RENASCIDA VIVE UM PROCESSO SEMPRE IDÊNTICO**

Trata-se de uma verdade universal. Esta se manifestou aos mestres e a seus alunos. Ela se manifestou a Jesus, o Cristo, que a ensinou publicamente.

Suas experiências são confirmações das experiências dos gnósticos. Muitos deles foram seus discípulos, e outros, os discípulos de períodos mais recentes. Todos deram testemunho da mesma coisa porque vivenciaram o mesmo processo dentro de suas almas.

Assim, pode-se dizer que a Gnosis se manifesta com toda a certeza em momentos precisos da História da humanidade; e que, no momento em que os homens estiverem maduros o bastante para receber este conhecimento direto, os instrutores da Gnosis aparecerão. É o que acontece em nossos dias, quando inúmeros buscadores podem encontrar dentro de si mesmos a senda que conduz à Gnosis.

## A LUTA INTERIOR PARA SOBREVIVER

*Entre os limites daquilo que o eu impõe para se manter e o desejo de algo totalmente diferente, há uma oposição incessante. Na força concentrada de um grupo, o indivíduo pode executar ações que jamais conseguiria realizar sozinho. Estas ações são os efeitos dos impulsos que animam um grupo: são impulsos irrefletidos e totalmente emocionais.*

Muitas vezes, quando o “autor” destas ações tem a oportunidade de refletir logo em seguida — independentemente do grupo — chega a se arrepender muito do que aconteceu. Com certeza, buscando motivos que provocaram ações perigosas, ele sentirá que os cometeu para salvar sua própria vida, ou para mostrar-se maior, melhor e mais forte do que os outros — portanto, para fortalecer sua própria consciência. Mas o que é a coragem?

A palavra “coragem” logo evoca conceitos como força, combatividade, intrepidez, audácia. Os corajosos defensores de um ideal elevado são espertos e seguem na frente de seus colegas de luta. Mas a coragem também tem relação com uma grande concentração, uma aspiração ardente e um intenso dinamismo.

Muitas expressões ilustram um ou vários destes aspectos: “Encher-se de coragem”; “enfrentar o desespero com coragem”, sem esquecer a coragem “de ser o que sou”, ou de “aceitar-me como sou”. Estes dois últimos aspectos se enquadram melhor na sociedade atual. Quem quer somente seguir por aí faz

esforço para se identificar com um ídolo, ou para ser “autêntico”, ou, se não conseguir, para aceitar as conseqüências e daí tirar o melhor partido possível. De um lado, há um desejo de identificar-se com um ideal superior; de outro, há os limites fixados pelo eu, que diz: “Eu sou assim! Eu não sou como os outros!”

Será que a coragem não é a forma degenerada de um poder tão deformado que se transformou em seu contrário e que agora somente serviria para defender e perpetuar valores e princípios terrestres? Esta coragem terrestre não seria, então, a resposta negativa ao profundo desejo humano de conseguir ajuda, proteção, unidade? De onde vem este desejo?

Quando alguém luta, atinge novos limites e vê seus ideais explodirem como bolhas de sabão quando começa a perceber o sofrimento que provoca nos outros com a sua pretensa coragem. A voz de sua consciência talvez já esteja ressoando dentro dele — e lhe diz tudo aquilo que, no fundo, ele sabe muito bem. Se aceita e escuta esta voz e aprecia o justo valor das idéias e pensamentos que vêm dela, ele pressentirá, talvez, que deve realmente ser corajoso e perseverante — mas de um modo completamente diferente daquele que normalmente se imagina.

Neste momento, ele constata que toda a coragem terrestre esbanja suas próprias forças e a dos outros, e que ela é destruidora de vidas. O inverso deste tipo de coragem é o esgotamento, a depressão, a solidão, a decepção, o desencorajamento. A angústia salta na garganta do corajoso. Mas por quê? Seu eu está sendo atacado, ferido, ou até mesmo anulado! O eu é sempre o único

perigo: ele é perseguido pelo medo de já não se poder manter, de não se poder opor a seu declínio. Assim, a coragem é um poder que geralmente cega, que não teme nenhum perigo. Entretanto, o heroísmo logo é seguido pelo desencorajamento, este momento de fraqueza em que a voz divina finalmente pode ressoar na consciência, sem dúvida ainda que muito fragilmente. Mas, quanto mais o combatente cai, esgotado, mais fortemente ressoa o chamado dentro dele.

#### ○ EU É UM USURPADOR

Então, as circunstâncias fazem com que ele perceba claramente quem o impulsiona a lutar contra seu próximo. Será que o eu não tem direito a existência? Claro: ninguém pode existir sem o eu. Ele é a força diretriz que governa todo o sistema. Mas um chefe inteligente sabe que ele atinge seus limites e tem de abandonar suas posições. Neste caso, é preciso que seja experiente e que compreenda que tem de abandonar o antigo para atingir o novo, subir um novo degrau, dar um passo a mais. Entretanto, esta compreensão também pode despertar nele um medo ancestral e levá-lo mais uma vez a se manter tal como ele é e a defender tudo o que lhe pertence. Então, ele luta “corajosamente” para conseguir sua finalidade... e, geralmente, passa ao lado da senda que lhe indica a bússola interior divina.

Quem consegue compreender isto, percebe que, aos poucos, vai surgindo dentro dele uma outra espécie de coragem, a coragem de servir humildemente

*Em tempo de guerra, as idéias e os ideais de grupo arrastam os homens irresistivelmente e fazem com que assassinem seu próximo. Fala-se de coragem e o herói recebe uma medalha em recompensa por seus “fiéis e leais serviços” à Pátria. Mas, quando ele volta para casa e retoma o curso normal de sua vida, sua consciência o acusa. Seus “atos de coragem” o perturbam e o inquietam. Muitos antigos combatentes tentam reprimir estes sentimentos, mas isto não faz desaparecer seu sofrimento.*

À beira do abismo (Joseph Bofill, 1988, Museu de Metz, na França).

— a coragem necessária para percorrer a senda de volta à Vida divina original. A coragem que se desdobra para se auto-conservar cede lugar à coragem do buscador que percebe a Nova Alma.

No momento em que o buscador sério dá o primeiro passo no caminho de volta, a alma que deseja ardentemente a unidade evoca o Amor divino. Ela respira esta força, ela a assimila e opera com ela. O instinto que impulsiona para uma meta qualquer vai sendo purificado por este Amor. A nova motivação que ele faz nascer manifesta-se por uma nova aspiração, um novo modo de pensar, de sentir e de agir. É preciso coragem para reconsiderar sua vida sob esta luz totalmente diferente, para aceitar que o eu desça de seu pedestal a fim de tornar possível uma nova evolução. Aquele que chega a este ponto aprende a se ver tal como é na realidade: como uma criação de seu próprio microcos-

mo. Ele compreende que o que achava que era coragem não passava de sua angústia diante do mundo das forças contrárias. O sábio chinês Lao-Tsé diz, no capítulo 19 do Tao Te King:

*É por isso que debes observar a que debes te apegar: considera a ti mesmo em tua simplicidade original, guarda tua pureza original. Sente o mínimo possível de egoísmo e de desejo.<sup>1</sup>*

Na *Gnosis Chinesa*, os autores, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri dizem ainda:

*O que se deve entender por isto? Certamente não a simplicidade e a pureza divinas originais. É impossível, para nós, nos vermos nesta simplicidade e nesta pureza. Como almas mortais, jamais conhecemos este estado. Entretanto, quando vos aproximais da Escola Espiritual e decidis seguir o caminho, deveis libertar-vos de todos os véus que a ilusão, a impostura e a educação teceram em torno de vós, e vos apegar ao chão de vossa verdadeira natureza e de vosso estado de ser real.<sup>2</sup>*

## **NÃO VIVER NA ILUSÃO**

Portanto, é preciso uma “nova coragem” para aceitar a vida com seus deveres específicos pessoais, e cumpri-los de tal forma que o núcleo vital original desperte e seja reativado. Quem tem a coragem de reconhecer seus erros ou seu fracasso, também pode ter a coragem de proteger a jovem alma imortal que está crescendo e também é capaz de dizer “não”, no caso de ela correr o risco de ser arrastada: por exemplo, reunindo bastante força interior para cortar

Perseu liberta Andrômeda. A inscrição significa: “A força não leva a nada sem a prudência” (o cavalo alado é Pégaso) (Jacques de Gheyn II, 1565-1629, Rijksprentenka binet, em Amsterdam.)

de início um pensamento crítico, um pensamento que sempre é prejudicial; ou estando constantemente atento e vigilante, mantendo-se constantemente consciente. Assim, ele desenvolve a compreensão e o poder de discernimento necessários para empreender o caminho de volta.

Mas o que acontece com aqueles que sempre estão deixando-se guiar pelas autoridades exteriores? Seus atos estariam sempre enraizados em volta de seus próprio eus? Ou será que eles já sentem um raio, por menor que seja, do Amor divino dentro de seus corações, a força poderosa que lhes dá o impulso para abandonar a antiga vida?

Quem nasce com a verdadeira coragem, a coragem do novo comportamento, está isento deste gosto desagradável que dá a má consciência, ou muitas ilusões perdidas, mesmo que o mundo exterior possa considerar tudo isto de modo completamente diferente...

A confiança na força interior que acabará vencendo o medo vai crescendo: esta confiança que é fortalecida pela certeza íntima de quem escuta e de quem segue o chamado do Amor divino. As influências sedutoras ou enganosas, tanto interiores como exteriores, já não fazem efeito. Assim, o buscador, que antes estava hesitante, torna-se inabalável pela manifestação de uma profunda fé enraizada: torna-se uma rocha na tempestade. Seu olhar interior está sempre dirigido para a meta da vida que ele reconheceu. A violência dirigida contra ele — individualmente ou em grupo — quebra-se contra esta rocha, e também seu karma, que luta para se conservar, às vezes, em forma de elogios, às vezes, em forma de agressões.

O homem que caminha ao lado de um buscador “que encontrou” o caminho irá orientar-se por ele. Assim, ele poderá efetivamente ajudar a seu próximo, com a força interior que ele aprendeu a liberar no Amor divino. Sua modéstia agasalha o ser que perdeu a coragem da natureza e que, vencido, agora volta seus olhos em direção à Luz.

1) A Gnosis Chinesa, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, Rozekruis Pers, Harlem, Holanda, 1992.

2) Ibidem

# DESAPARECIMENTO DA TENSÃO ENTRE AÇÃO E REAÇÃO

*Tudo tem seu oposto: o amor opõe-se ao ódio, a paz à guerra, a luz às trevas, o belo ao feio, a harmonia à discórdia. Cada ação pede uma reação.*

**É** claro e manifesto que, em nossa natureza age uma força que, em um dado momento, converte todos os fenômenos em seus contrários. O que um dia sobe, no outro desce. Graças a isto, o homem sempre está sendo confrontado com novos fenômenos e novas idéias, e sua consciência se forma a partir de suas reações. Assim gira a roda das ações e reações; e, ao fim de um certo tempo, todos acabam atingindo um limite e se indagam o que ainda pode acontecer.

A história também se repete, embora em uma escala maior. A moda de hoje é sempre a roupa antiga, enfeitada de novas bugigangas. A política do século XX não apresenta nenhuma idéia diferente da dos séculos passados: o que muda é somente o cenário do teatro mundial. Cada vez que a civilização de uma parcela da humanidade atinge seu ponto mais alto, parece que é uma espécie de miragem. O campo de tensão é destruído e começa o declínio. As leis que regem estes processos mostram muito bem os limites dentro dos quais a humildade está encerrada.

Portanto, a consciência se forma no decorrer de um longo caminho de experiências que acontecem entre os dois extremos do bem e do mal. Em seu primeiro campo de vida, o homem original se encontrava em uma região onde não existiam nem opostos nem contrários. No campo de vida divino, o amor não é uma mistura de simpatia e de antipatia, como no campo de vida terrestre. O inte-

resse pessoal, os desejos terrestres, aí não têm vez, pois a base de tais sentimentos não pode subsistir no campo de vida original.

No momento atual, a consciência humana é tão limitada que ela não permite julgar as coisas a não ser de acordo com sua aparência, sem poder sondar sua natureza verdadeira e profunda. Assim, falamos de bem e de mal, sem compreender que são frutos de uma mesma árvore. Chamamos de bom o que nos agrada e nos arranja a vida; mal e mau é tudo o que vai contra nossos projetos. A sabedoria hermética diz que o bem “é um mal menor”, mas quem é capaz de aprofundar-se nesta coerência e na unidade de todas as coisas? Dizendo melhor: quem vê que os dois pólos opostos têm a mesma raiz?

## OS EXTREMOS DE UM MESMO PRINCÍPIO

Enquanto esta relação não for visível, durante muito tempo a consciência oscilará entre dois pólos opostos. A ação provoca a reação, que desencadeia uma outra reação e assim por diante. A roda gira e gira sempre, e o homem continua fechado em suas próprias percepções e experiências. Às vezes, é preciso anos, ou até mesmo séculos ou eões, antes que a reação finalmente pare de vibrar. E vai ficando cada vez mais difícil encontrar o que a provocou, em sua origem. O ser humano sempre está sendo arrastado em um turbilhão de acontecimentos, dos quais ele mesmo é o autor, sem tomar consciência disto. Ele não está consciente das forças que ele desencadeia. As conseqüências de

Cavalgando Pégaso, seu cavalo alado, Belerofonte abate o leão da natureza inferior (Mármore, Constantinopla, século V d.C. no British Museum de Londres).

seus pensamentos, de seus sentimentos e de seus atos podem, então, facilmente escapar de suas próprias percepções e manifestar-se em um momento completamente diferente ou em um lugar totalmente diverso.

O homem atual aprendeu a pensar muito analiticamente e a desenvolver seu espírito crítico. Se não fosse assim, ele não encontraria lugar na sociedade competitiva de nossa época. Quem pode fugir disto? Quem conhece o segredo da vida “sem reação”? Quem é capaz de viver de tal forma que seu próximo não seja obrigado a se defender dele? Os outros sempre são obstáculos quando os objetivos escolhidos servem para reforçar o eu tríplice de alguém ou para exaltar o ego coletivo de um grupo. É preciso, pois, opor-se para chegar a atingir sua finalidade, e a reação logo virá! Uma boa pergunta é a seguinte: “Podemos pensar, sentir e agir sem estarmos submetidos à influência e ao controle de nosso eu? Somos realmente livres?”

#### **○ AMOR SE TRANSFORMA FACILMENTE EM ÓDIO**

Cada vez mais, nos setores econômicos e políticos, a realidade surge completamente diferente da idealização. Muitas regras e leis bem intencionadas acabam desencadeando resultados contrários. A ajuda ao que chamamos de Terceiro Mundo é um exemplo disto. A construção de uma piscina de luxo em uma região onde ninguém nada e onde a água é muito cara, ou de um teatro em um lugar onde nenhum artista iria aven-

turar-se jamais, é também um bom exemplo bastante veiculado pela mídia. Isto vai contra o bom senso a ponto de ser cômico. Mas a roda das experiências continua girando e as experiências vão acontecendo graças às outras: assim, a consciência de uns vai evoluindo a partir da dos outros. O que é realizado por amor terrestre logo se transforma em seu contrário.

Às vezes, falam que é bom não saber tudo, pois assim ignoramos as consequências de nossos atos. Neste caso, a limitação da consciência seria uma proteção. O gnóstico não pensa assim. Para ele, a limitação da consciência prende o ser humano no movimento cíclico das forças opostas e o impede de conhecer sua verdadeira natureza, o impede de ver que nenhum fenômeno no mundo é durável, e que aqui não existe perfeição.

E, principalmente, o homem vê a criação através de vidros pintados. Se ele visse seu próximo como um instrumento inconsciente em um microcosmo à deriva — um instrumento que age sem nenhuma idéia de causas e efeitos — então ele não o julgaria nem o aconselharia com tanta leviandade. A consciência limitada aprendeu que a morte marca o fim da vida, que depois há o céu ou o inferno e isto é tudo! O gnóstico parte da idéia de que a morte natural — e principalmente a morte não forçada! — pode libertar o microcosmo do instrumento que se tornou inútil. Então, torna-se possível a construção de um novo instrumento. Segundo esta teoria, a morte ofereceria, portanto, uma nova possibilidade de salvação. Mas isto exige a transformação da consciência, pois a consciência comum não conhece nada além de opostos, enquanto a consciência gnóstica procede de um mundo onde não existem contrários.

A compreensão limitada provém de uma consciência limitada. Esta limitação tem como causa, de um lado, o mundo onde se encontra a humanidade, e de outro, a falta do verdadeiro conhecimento divino, que é a Gnosis, a Sabedoria

divina. Como já dissemos, a consciência terrestre somente reconhece como realidade os fenômenos terrestres. Ora, nesta realidade, o amor se transforma em ódio, a paz em guerra e a guerra em paz, porque a consciência humana não conhece a sabedoria original.

#### PRISIONEIRO DE SEU PRÓPRIO CÍRCULO

É possível que as limitações da consciência finalmente sejam sentidas por alguém que é prisioneiro do círculo fechado das forças opostas. Mesmo quando já viveu muitas experiências e já não aceita “a vida comum”, pode ser que fique resignado com ela, depois de ter-se rebelado ou de ter achado uma saída. Neste caso, as limitações da vida terrestre provocam tamanha cristalização que seu microcosmo fica prisioneiro. Para ele não há forma de romper com este círculo e ele é incapaz de ouvir o chamado para a liberdade. Graças à lei do mundo mortal, tudo o que é velho é jogado fora, para dar lugar ao que é novo.

Quanto mais mergulhamos na matéria, mais espesso e impenetrável fica o véu que nos envolve a consciência. Cedendo cegamente ao chamado da natureza, o eu e a natureza mortal se mantêm no jogo das forças contrárias.

Como pôr fim à limitação da consciência? Como neutralizar a ação das leis terrestres? Ligando-se à Alma imortal, ao “completamente Outro” dentro de nós, e deixando de manter as forças contrárias. Trata-se de uma escolha consciente que provoca uma revolução no ser interior. Então, tudo o que o ser humano combate tão duramente vai desaparecendo pouco a pouco de sua vida cotidiana. Ele já não combate as forças opostas que o assaltam, pois se retira do campo de tensão destas forças e deixa tudo por isso mesmo. Ação e reação lhe mostram a verdadeira natureza destas forças. Ele as reconhece e já não se deixa influenciar por elas. Ele se

Arco esticado entre a ação e a reação (Ilustração Pentagrama).

torna espectador de sua própria vida, dando importância ao homem original, que está perto dele, dentro dele! Os impulsos e as obrigações do eu tríplice vão diminuindo e o microcosmo decaído tem a possibilidade de recriar-se.

#### **O SOFRIMENTO NÃO É A FINALIDADE DA VIDA**

Deste modo, a consciência passa a deter a chave da transformação. Como todas as experiências acumuladas no decorrer de múltiplas vidas talvez tenham feito nascer um poder de discernimento, ele é capaz de fazer a escolha correta. O sofrimento não é a finalidade da vida, mas um processo que pode provocar ações inteligentes no caminho da libertação interior. A vida na matéria mortal é o meio pelo qual se pode chegar ao objetivo da vida imortal.

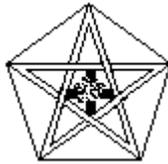
Assim, por meio de múltiplas experiências de vida, a consciência pode-se transformar e tornar-se receptiva à mensagem de libertação. A transformação fundamental da consciência provoca sua renovação total logo que o impulso gnóstico é ouvido, compreendido e colocado em prática. Do contrário, a consciência continua no interior de suas próprias limitações e vai reforçar sempre e cada vez mais seus laços com a vida mortal, que um dia a fará sucumbir.

A renovação gnóstica é, pois, a única condição para adquirir uma nova consciência, capaz de ultrapassar a fronteira da morte.

Cada um vive de acordo com sua consciência. Este estado de consciência é o estado de vida! A consciência da natureza mortal tem como resultado a existência mortal; a consciência da natureza eterna conduz à vida eterna. Podemos acumular conhecimentos teóricos sobre a nova vida, a vida gnóstica, mas conhecimento não é consciência, nova consciência. É por isso que é preciso ter fé — a fé que sabe que a nova vida gnóstica não é uma invenção, mas

a única realidade. Quem conseguir sentir esta fé compreenderá que não é suficiente saber, pois o conhecimento gnóstico deve ser traduzido em ações renovadoras.

É por isso que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea fala do caminho de libertação, no decorrer do qual o aluno vai-se libertando a si mesmo de todas as limitações dialéticas. Ele vai-se libertando delas com base no Conhecimento gnóstico, e na Força gnóstica que ele recebe para este fim.



*Nesta época “pós-moderna”  
a humanidade já não se apega às  
idéias e aos princípios estabelecidos e  
respeitados há muito tempo.  
É o outono da civilização europeia:  
anuncia-se um inverno angustiante.  
O declínio já começou  
a manifestar-se no século vinte e  
vem acelerando-se cada vez mais,  
mas cada civilização  
possui um tesouro universal  
de conhecimentos e de valores invioláveis,  
que transcendem todas as  
normas culturais.  
(Outono da civilização europeia, impulso  
para a Nova Vida, p. 6)*